



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS.
LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA

TELMA CEDRAZ DOS SANTOS

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DE SINAIS AMBÍGUOS EM
LIBRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BRASÍLIA

2018

TELMA CEDRAZ DOS SANTOS

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DE CONTEXTO EM LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso com o objetivo de obtenção do grau de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Batista do Nascimento

BRASÍLIA

2018

RESUMO

Este trabalho é requisito parcial para a conclusão do curso de Língua de Sinais Brasileira-Português como segunda Língua (LSB-PSL), da Universidade de Brasília (UnB). O tema se insere na área do estudo do sentido do léxico, e tem como bases teóricas a Lexicologia, a Lexicografia e a Semântica. Seu objeto de estudo é a ambiguidade nos sinais do léxico comum e que depois das análises considerarmos polissêmicos ou homônimos. O objetivo principal deste trabalho é desenvolver uma proposta de um glossário de sinais ambíguos em Libras com a finalidade de auxiliar tanto ouvintes, bem como estudantes Surdos. Os primeiros no aprendizado de estratégias de tradução em contextos que usam sinais ambíguos e o segundo na aquisição do vocabulário e do aprendizado de novos contextos do português escrito, que para eles é uma segunda língua. Desenvolvemos a proposta do glossário com o *corpus* do Dicionário on-line da Língua Brasileira de Sinais versão 3 do ano de 2001 do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); coletamos todos os sinais ambíguos pertencentes ao primeiro grupo de configuração de mão do dicionário e os armazenamos em planilhas com informações das classes gramaticais, das acepções, dos exemplos de frases em português e de suas traduções em Libras. Organizamos os dados em fichas terminológicas semânticas com os sinais ambíguos, os quais serviram como base para classificá-los como polissêmicos pertencentes ao mesmo campo semântico ou homônimos pertencentes a campos semânticos diferentes. Para a criação da proposta criamos frases que seguiam a mesma semântica dos sinais do dicionário e os organizamos em homônimos e polissêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Ambiguidade na Libras; Homonímia; Polissemia; Glossário; Léxico; Lexicologia; Lexicografia.

ABSTRAT

This work is a partial requirement for the conclusion of the course of Brazilian Sign Language – Portuguese as a Second Language (LSB-PSL), from Universidade de Brasilia (UnB). The theme is in the field of study of the meaning of the lexicon, and its theoretical bases are Lexicology, Lexicography and Semantics. Its object of study is the ambiguity in the signs of the common lexicon that after the analysis we consider polysemics or homonyms. The main objective of this work is to develop a proposal for a glossary of ambiguous signs in LSB for the purpose of assisting both hearing as well as deaf students. The first to learn translation strategies in contexts that use ambiguous signs and the second to acquire vocabulary and learn new contexts of written Portuguese, which for them is a second language. We developed the glossary proposal with the corpus of the Online Dictionary of the Brazilian Sign Language version 3 of the year 2001 by the National Institute of Education of the Deaf (INES); we collected all the ambiguous signs belonging to the first hand configuration group of the dictionary and stored them in spreadsheets with information about grammar classes, meanings, examples of sentences in Portuguese and their translations in LSB. We organized the data in semic terminological records with the ambiguous signs, which served as a basis to classify them as polysemics, belonging to the same semantic field, or homonyms, belonging to different semantic fields. For the creation of the proposal, we created phrases that followed the same semantics of the dictionary signs and organized them into homonyms and polysemics.

KEYWORDS: LSB; Brazilian Sign Language; Ambiguity in LSB; Homonymy; Polysemy. Glossary; Lexicon; Lexicology; Lexicography.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu Deus Jeová, que me deu forças para continuar nessa jornada dos estudos e que sempre nas horas difíceis me concedeu uma porção do seu Espírito Santo para continuar.

Agradeço a minha amiga Anaelise, ex-colega de trabalho que me avisou sobre o vestibular do curso de LSB-PSL em 2014, me intimou dizendo: “não aceito um não como resposta”.

Agradeço também a Maria Madalena (Madá) e Antônio Oliveira (Sr. Antônio), que me deram suporte familiar durante doze anos que vivi na casa deles e me possibilitaram tranquilidade durante todo esse período e nos primeiros dois anos e meio do curso, que foram cruciais para mim.

Agradeço também a minha amiga-irmã, Vera Lúcia, que sempre me apoiou nessa jornada, em todos os sentidos, físicos e emocionais.

Agradeço também a minha mãe, Tereza, que sempre me apoiou, saindo da sua casa em Salvador e vindo me ajudar, duas ou até mais vezes ao ano, para que eu pudesse ter mais tempo para estudar.

Não podia deixar de agradecer também a todas as minhas colegas de turma, que para mim foi um prazer conhecer a todas. Algumas colegas em especial, eu não poderia deixar de citar por nome, como a Lorraine, apesar de imperativa, mas é uma pessoa determinada, bem como a Fabiana, que apesar de ser muito sistemática, tem um coração de ouro.

Também não posso esquecer-me do querido amigo Surdo Dheivid Roger, que aceitou me ajudar e não hesitou em fazer isso em pleno domingo às 7 horas da manhã.

Não posso deixar de agradecer a minha orientadora que inicialmente aceitou trilhar esse desafio comigo, a Professora Dra. Cristiane Nascimento.

Enfim, não conseguimos nada sozinhos, sempre precisamos uns dos outros e não devemos ser egoístas achando que somos melhores, a gratidão é preciosa para Jeová e Ele gosta que sempre estejamos prontos a agradecer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Circuito da Fala.....	17
Figura 2 - Consoantes oclusivas orais do português	20
Figura 3 - Análise sêmica do lexema chapéu	21
Figura 4- Paráfrase aplicada em texto	23
Figura 5 - Quadro de CM FARIA-NASCIMENTO (2009).	28
Figura 6 – Os PA possíveis na Libras.	29
Figura 7 - Sinal VELHO1 em Libras - objetos e coisas.	34
Figura 8 - Sinal VELHO2 em Libras - pessoas e animais.	34
Figura 9 - Sinal NOVO1 em Libras - coisas novas.	35
Figura 10 - Sinal de NOVO/JOVEM em Libras - pessoas e animais.	35
Figura 11 - Sinal FÁCIL em Libras	35
Figura 12 - Sinal DIFÍCIL em Libras	36
Figura 13 - Relação de antonímia com sinal DIFICIL em Libras	36
Figura 14 - Sinal em Libras para PÃO.	37
Figura 15 - Sinal em Libras RÁPIDO	38
Figura 16 - Sinal em Libras FALTAR.....	38
Figura 17 - Sinal ENGANAR em Libras	39
Figura 18 - Quadro com itens em Libras polissêmicos	40
Figura 19 - Tradução em Libras da frase "ingerir alimento saudável , ajuda a preservar a saúde".	41
Figura 20 – O sinal VIGIAR na 1ª versão de 1969	47
Figura 21 – O Sinal VIGIAR na 2ª versão de 2014	47
Figura 22 - Aba exemplo de uso do GLOSSNUTRI.....	48
Figura 23 - O acesso do Dicionário de Língua Brasileira de Sinais pelo site do INES	51
Figura 24 – O acesso depois do Botão "Dicionário de Libras"	52
Figura 25 - Tela principal de busca ao termo	52
Figura 26 - Botão para a escolha do tipo de seleção	53
Figura 27 - Tabela de Configuração de Mão	53
Figura 28 - Configuração grupo dois posição 2	54
Figura 29 - Busca do sinal já previamente escolhido	55
Figura 30 - Tela principal do Movavi Vídeo Suite 16.....	55
Figura 31 - Pasta onde estão guardados os sinais coletados.....	56
Figura 32 - Canal criado na plataforma do Youtube	57
Figura 33- Estúdio de filmagem usado para a gravação dos vídeos.....	58
Figura 34 - Macroestrutura do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras	72
Figura 35 - Botão de Apresentação	72
Figura 36 - Botão de retorno para a macroestrutura	72
Figura 37 - Botão “Busca”	73
Figura 38 - Grupo de sinais polissêmicos.....	73
Figura 39 - Grupo de sinais homônimos	73
Figura 40 - A microestrutura do verbete	74
Figura 41 - Entrada dos sinais polissêmicos.....	75
Figura 42 - Entrada dos sinais homônimos	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Histórico do catálogo CM e seus pesquisadores	28
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pontos de articulação da Libras.....	30
Quadro 2 - Quadro Movimento	31
Quadro 3 - Tipos do parâmetro Or	31
Quadro 4 - Tipos de ENM na Libras	33
Quadro 5 - Cabeçalho da ficha terminológica de análise sêmica	58
Quadro 6 - Primeira parte da ficha com foco na LP	59
Quadro 7 - Segunda parte da ficha com foco na Libras	60

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Corpus coletado para a pesquisa.....	62
Gráfico 2 - Os sinais ambíguos analisados.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
CAS	Centro de Apoio ao Surdo
CM	Configuração de Mão
ENM	Expressões não-manuais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INES	Instituto Nacional de Surdos
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Língua oral
LOs	Línguas Orais
LP	Língua portuguesa
LS	Língua Sinalizada
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSB-PSL	Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua
M	Movimento
MEC	Ministério da Educação
Or	Orientação da Palma da Mão
PA	Ponto de Articulação
SEESP	Secretaria de Educação Especial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TILS	Tradutor Interpretador de Língua de Sinais
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	13
<u>1 CAPÍTULO</u>	15
<u>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	15
1.1 A LINGUÍSTICA ASSUME SEU LUGAR COMO CIÊNCIA	15
1.2 A FORMAÇÃO DO LÉXICO NAS LÍNGUAS NATURAIS	16
1.3 A SEMÂNTICA ESCLARECE ASPECTOS IMPORTANTES SOBRE O SENTIDO DO LÉXICO	19
1.3.1 COMO A SEMÂNTICA LEXICAL ESTUDA O SENTIDO NAS LÍNGUAS NATURAIS	20
1.3.1.1 As propriedades semânticas de sinonímia e paráfrase, antonímia e contradição, homonímia e polissemia nas línguas orais.	22
1.3.1.1.1 Sinonímia e Paráfrase	22
1.3.1.1.2 Antonímia e contradição	23
1.3.1.1.3 Homonímia e polissemia	24
1.3.1.2 Como são identificadas as propriedades semânticas na LSB	26
1.3.1.2.1 A fonologia da Libras	26
1.3.1.2.1.1 Configuração de Mão (CM)	27
1.3.1.2.1.2 Ponto de articulação (PA)	28
1.3.1.2.1.3 O Movimento (M)	30
1.3.1.2.1.4 Orientação da mão (Or)	31
1.3.1.2.1.5 Expressões Não-Manuais (ENM)	32
1.3.1.2.2 As propriedades semânticas de sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia na Libras	33
1.3.1.2.2.1 A sinonímia na Libras – Sinais diferentes e significados semelhantes	34
1.3.1.2.2.2 A antonímia na Libras – Sinais diferentes e significados diferentes.	35
1.3.1.2.2.3 A homonímia na Libras – Sinais iguais e significados diferentes	36
1.3.1.2.2.4 A polissemia na Libras – Sinais iguais e significados relacionados	40
1.4 A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA NAS LÍNGUAS NATURAIS	42
1.4.1 UM “BAÚ” PRECIOSO PARA GUARDAR OS TESOUROS LINGUÍSTICOS DAS LÍNGUAS	42
1.4.2 DESVENDANDO OS DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS	44
1.4.3 OS GLOSSÁRIOS DE LIBRAS COMO FERRAMENTA DE CONSULTA	45
<u>2 CAPÍTULO METODOLÓGICO</u>	50
2.1 O DICIONÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DO INES	50
2.2 A COLETA DO <i>CORPUS</i>	54
2.3 O APOIO DE UM USUÁRIO DA LIBRAS	57
2.4 LABORATÓRIO DE FILMAGENS	57
2.5 A FICHA TERMINOLÓGICA PARA A ANÁLISE SÊMICA DOS SINAIS AMBÍGUOS	58
<u>3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS</u>	62
3.1 A ANÁLISE SÊMICA DOS SINAIS ABRAÇO/ABRAÇAR; CONSTRUÇÃO/PEDREIRO; QUEBRAR4/QUEBRADO; REAGIR/REFORÇO.	62
3.1.1 ABRAÇO/ABRAÇAR	63

3.1.2	CONSTRUÇÃO/PEDREIRO	65
3.1.3	QUEBRAR4/QUEBRADO	66
3.1.4	REAGIR/REFORÇO	68
4	<u>A PROPOSTA DO GLOSSÁRIO DE SINAIS AMBÍGUOS EM LIBRAS</u>	71
4.1	A ORGANIZAÇÃO DOS ITENS LEXICAIS PARA O GLOSSÁRIO	71
4.2	A ORGANIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS DO GLOSSÁRIO	71
4.2.1	A MACROESTRUTURA	71
4.2.2	A MICROESTRUTURA	74
4.2.3	A ORGANIZAÇÃO DAS ENTRADAS NO GLOSSÁRIO	74
4.2.3.1	Sinais polissêmicos	74
4.2.3.2	Sinais homônimos	75
5	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	76
6	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	78
7	<u>APÊNDICES</u>	86
7.1	APÊNDICE A - SINAIS DA POSIÇÃO 1A DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DO INES	86
7.2	APÊNDICE B - SINAIS AMBÍGUOS COLETADOS NO GRUPO 2 DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DO INES	88
7.3	APÊNDICE C - AS CLASSES GRAMATICAIS, OS ASSUNTOS E AS ACEPÇÕES DOS VINTE E SEIS SINAIS COLETADOS.	89
7.4	APÊNDICE D - SINAIS COM OS EXEMPLOS DE FRASES EM LP E EM LIBRAS	91
7.5	APÊNDICE E - TABELA DE QR CODE	92
7.6	APÊNDICE F - TERMOS AMBÍGUOS SELECIONADOS	95
7.7	APÊNDICE G - FRASES SINALIZADAS APÓS A ANÁLISE SÊMICA DOS SINAIS AMBÍGUOS	95

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral propor um modelo de glossário de sinais¹ ambíguos da Língua Brasileira de Sinais (Libras)² usando sinais tidos como homônimos e polissêmicos.

Para realizar a proposta, alguns objetivos específicos foram determinados tais como: (a) extrair do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Versão 3 de 2011, obra que foi organizada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sinais ambíguos em pares ou em trios que tenham semelhança na articulação; (b) delimitar o *corpus* que comporá a amostragem para o glossário, visto que a obra tem um vasto acervo de sinais catalogados; (c) criar uma ficha terminológica de análise sêmica em pares de sinais que contivesse: a aceção, o assunto, o contexto de uso em Libras, a tradução em língua portuguesa (LP), a descrição fonológica e as imagens em QR Code; (d) separar os sinais ambíguos em dois grupos, um de homônimos, de campos semânticos diferentes e outro de sinais polissêmicos, de campos semânticos iguais que comporá a base para a proposta.

A escolha do tema veio de duas reflexões: (a) a primeira gerada durante a trajetória da pesquisadora no aprendizado da Libras como aprendiz de Segunda Língua (L2); (b) a segunda no convívio com a comunidade surda e por acompanhar a dificuldade dos Surdos no seu aprendizado de português como segunda língua (L2), visto que a Libras é uma língua nova e está em constante evolução e ao contrário da LP, não possui a mesma quantidade de termos que correspondam a todos os conceitos, apesar da consciência de que a língua possa transmitir qualquer conceitos, sejam eles abstratos ou concretos.

A estruturação do trabalho é composta de quatro capítulos, o primeiro capítulo apresenta as bases teóricas da Semântica, da Lexicologia e Lexicografia, na seguinte sequência: (a) a importância do léxico nas línguas naturais e o processo de formação do léxico nas línguas orais (LO) e nas línguas sinalizadas (LS), com os referenciais teóricos de:

¹ Segundo Felipe e Monteiro (2008, p. 21) apud Costa (2015, p. 39) explicam que: “o que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais”.

² Segundo Faria-Nascimento (2003, p. 21), a sigla Libras (Língua Brasileira de Sinais) começou a ser usada por pesquisadores a partir do II Congresso Latino-Americano de Bilinguismo para Surdos, em substituição a sigla LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros). Posteriormente, o INES, seguidos pelo MEC e a Word Federal Association of Deaf. Mas, apesar de a Lei 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, a adotarem, Quadros (2000, p. 54) apud Faria-Nascimento (2003, p. 21) explica que há uma convenção internacional na qual normatiza o uso de “três letras” para identificar as LS. Desta forma, a sigla internacional correspondente a LS usada no território brasileiro, é a sigla LSB (Língua de Sinais Brasileira), usada no meio acadêmico pela grande maioria dos pesquisadores. Sendo a sigla Libras adotada na Lei, presume-se que não haja nenhum problema em utilizá-la em um trabalho acadêmico, portanto essa será adotada para se referir a LS usada pela comunidade surda brasileira.

Biderman (2001), Cançado (2015), Lyons (1987), Martelotta (2015), Quadros e Karnopp, (2004), e Saussure (1969); (b) o estudo do sentido nas línguas LO e nas LS, na área da Semântica Lexical, com os referenciais teóricos de: Almeida e Souza (2011), Azevedo (2010), Baker e Padden (1978), Bidarra e Martins (2012), Brentari (1995), Capovilla e Raphael (2001), Costa (2015), Faria-Nascimento (2003, 2009), Ferrarezi Jr (2008), Ferreira (1995), Ferreira e Langevin (1995), Finau (2008), Friedman (1977), Gesser (2009), Klima e Bellugi (1979), Koch e Elias (2016), Lima, Cruz, *et al.* (2014), Müller e Viotti (2014), Nerlich e Clarke (1996), Pietroforte e Lopes (2014), Quadros e Cruz (2011), Seide (2012), Soares (2013), Ullmann (1964), Valente (2011), Weedwood (2002) e Xavier (2006); (c) a importância dos dicionários e dos glossários e um breve apanhado histórico dessas obras tanto nas LO quanto nas LS, tendo como referencial teórico de Biderman (2001), Cardoso (2017), Duran e Xatara (2005), Faulstich (2010), Hallewell (1985), Hausmann e Wiegand (1989), Nascimento (2016), Rey-Debove (1971), Sofiato (2011), Sofiato e Reily (2014), Tuxi (2017), Welker (2004) e Zwitterlood (2010).

O segundo capítulo metodológico explica: (a) como foi realizada a escolha da obra da qual coletaremos o *corpus*; (b) o método de coleta usado na plataforma de consulta da própria fonte; (c) o apoio de um usuário de L1 de Libras na criação das frases com base nas acepções da fonte; (d) o local onde foram realizadas as filmagens; (e) a criação da Ficha Terminológica de Análise Sêmica com base teórica de Prometti (2013).

O terceiro capítulo sobre a discussão e análise dos dados explica a organização dos sinais selecionados do *corpus* que farão parte da proposta do glossário de sinais ambíguos, bem como suas respectivas análises em pares usando a ficha terminológica tendo como referencial teórico de Faria-Nascimento (2009), Ferreira e Langevin (1995), Lima (2012) e Pizzio (2011).

O quarto capítulo apresenta o produto final desta pesquisa referente: (a) a proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras; (b) a macroestrutura e (c) a microestrutura.

Para finalizar, em seguida aos capítulos, apresentam-se as considerações finais, as referências bibliográficas usadas e os apêndices, contendo as tabelas criadas pela pesquisadora para organizar os dados coletados.

1 CAPÍTULO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo discorre sobre alguns conceitos importantes para organização da proposta de criação de um Glossário de Sinais ambíguos em Libras. A primeira seção abordará sobre a Linguística como ciência da linguagem e a Semântica como ciência do significado. Sob o olhar da Semântica Lexical, abordar-se-á o processo de formação do léxico nas línguas naturais; as relações de significado por meio das propriedades semânticas de sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia tanto nas línguas orais (LOs) quanto nas línguas sinalizadas (LS). A segunda seção abordará a Lexicologia e a Lexicografia, explicando como essas ciências contribuem para análise e organização do léxico das línguas por meio dos dicionários e glossários e, por fim, um breve histórico dos registros lexicográficos da Libras será apresentado.

1.1 A Linguística assume seu lugar como ciência

A grande maioria dos manuais especializados define a Linguística como a ciência que estuda a linguagem. Mas, o termo linguagem ainda é muito controverso, visto que pode assumir, conforme Martelotta (2015, p. 15), “mais de um sentido” e sendo associado como continua o autor “a qualquer processo de comunicação”, tais como usado pelos animais, pelas artes, pela sinalização de trânsito, pela escrita etc.

Lyons (1987, p. 27) explica que diferentemente das disciplinas das ciências exatas “a física, a química, a biologia etc.”, em que não há questionamentos sobre o seu “*status científico*”, a Linguística, responsável pelo “estudo científico da língua”, tem a necessidade de sempre em suas publicações específicas reiterar os motivos de ser uma disciplina precisa. Essa possui características empíricas iguais às ciências exatas, capaz de ser comprovada com “dados publicamente verificáveis por meio de observações e experiência” (LYONS 1987, p. 27).

Os estudiosos da linguagem fizeram vários recortes para compreenderem os inúmeros fenômenos existentes no ato da comunicação. Esses estudiosos são responsáveis em analisar uma área específica da Linguística, conforme explica claramente Cançado (2015) a função de cada uma:

[...] o estudo do Léxico que investiga o conjunto de palavras de uma língua e sua possível sistematização; o estudo da Fonologia, que focaliza os sons de uma língua e de como esses sons se combinam

para formar as palavras; o estudo da Morfologia, que investiga o processo de construções das palavras; o estudo da Sintaxe, que investiga como as palavras podem ser combinadas em sentenças; e o estudo da Semântica, que focaliza o significado das palavras e das sentenças (CANÇADO, 2015, p. 17).

A reivindicação da Linguística no âmbito científico contribuiu para que hoje os estudos linguísticos sejam bem amplos, pois dependendo do foco do estudo escolhido, há uma área específica que estabelece os parâmetros necessários para constatar o respectivo fenômeno, seja ele de qualquer natureza: fonológico, morfológico, sintático, lexical ou semântico.

Com base na proposta principal desse trabalho da criação de um Glossário de Sinais Ambíguos da Libras, o foco será o léxico das línguas naturais, mais especificamente as LS. Mas, para uma compreensão de como acontece nessas línguas, o apoio dos estudos nas LO serão usados para que seja contrastado com a Libras. A próxima seção explicará como o objeto principal do nosso estudo, o léxico, é formado e se acontece da mesma maneira nas LS.

1.2 A formação do léxico nas línguas naturais

Biderman (2001, p. 13), ao fazer alusão ao relato bíblico da criação do mundo, afirma que “ ao nomear, o indivíduo se apropria do real ” e passa a categorizar grupos de coisas tomando por base suas características semelhantes e desta forma vão categorizando-os, criando grupos de concretos e de abstratos. Este fato mostra o quão importante é dar nome às “coisas”, pois contribui para o conhecimento de mundo dos falantes de uma língua. As civilizações desde os seus primórdios, tendo como base suas culturas, foram criando seus respectivos grupos de palavras, desta forma foram ampliando seu conhecimento de mundo e formando o conjunto de nomes particular a cada uma delas, conforme acrescenta Biderman (2001, p. 13), gerando assim “o léxico das línguas naturais”.

As taxionomias³, ou seja, o sistema classificatório, dessas categorias são arbitrárias e, conforme Biderman (2001, p. 14), respeitam as “elaborações específicas de cada cultura”, mas não significa que entre as inúmeras culturas existentes no planeta, esses sistemas de classificação sejam tão distantes a ponto de serem considerados distintos, como mostra ainda a mesma autora quando diz que “as línguas naturais tenham tipos de semânticas” de

³ Segundo Dubois e Diácomo [et.al.] (2014, p. 543), taxionomia é uma classificação de elementos, de séries de elementos e de classes de séries para formar listas que, por suas regras combinatórias, explicarão frases de uma língua.

categorização “universalmente compreensíveis”. Este fato mostra que apesar de muitas vezes cada cultura designar um nome diferente a um mesmo referente, há princípios comuns a todas elas conforme esclarece a autora:

[...] o sistema conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado [...] As palavras geradas [...] nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio. [...] as categorias lexicais variam de língua para língua, raramente, ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos gramaticais (BIDERMAN, 2001, p. 14).

O arcabouço linguístico cultural constituiu conforme Biderman (2001, p. 14) “o patrimônio vocabular” um verdadeiro “tesouro cultural” imaterial, que serve como base lexical para que este processo nunca acabe e que outros signos sejam formados.

Como visto, o ato de nomear não é uma tarefa simples ou um ato simplório de de associar uma coisa a um nome, mas segundo Saussure (1969, p. 79) “Tal concepção é criticável em numerosos aspectos”. Portanto, cada signo linguístico de uma língua carrega em si duas coisas importantes: o seu conceito e sua imagem acústica. Saussure (1969, p.81) apud Fiorin (2014, p. 58) resume o que está envolvido no signo linguístico quando explica que “Ao conceito Saussure chama de *significado* e a imagem acústica, *significante*”. No livro Curso de Língua Geral, Saussure ilustra de forma bem didática usando a imagem da **Figura 1** como acontece essa relação entre significado (conceito) e significante (imagem acústica) entre dois falantes de uma língua:

Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos de fonação um impulso correlativo da imagem; depois as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente físico. Em seguida, o circuito se propaga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com conceito correspondente (SAUSSURE, 1969, p. 19).

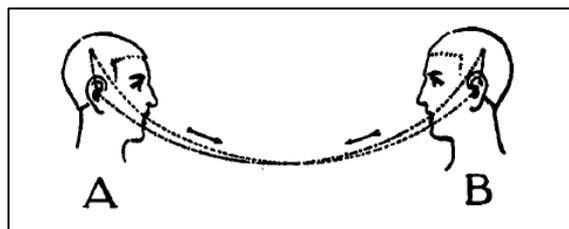


Figura 1 - Circuito da Fala
Fonte: SAUSSURE (1969, p.19)

A descrição de Saussure deixa evidente a capacidade mental do ser humano de construir um conceito de algo, seja ele de qualquer natureza e depois associá-lo a um símbolo, que lhe dará suporte para designar um nome. Biderman (2001, p. 13,14) resume esse fato quando diz que “ [...] o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a

conceitos, que simbolizavam os referentes. Portanto, os símbolos ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial”.

A produção lexical das línguas sinalizadas compartilha dos mesmos processos e, portanto, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 30) “[...] constituem um sistema linguístico legítimo [...] e não patologia da linguagem [...]”, e, fazendo referência ao Stokoe⁴ no ano de 1960, as autoras mostram que os estudos realizados por ele comprovaram que “[...] a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. As autoras continuam retomando a fala de Whitney⁵ usada por Saussure, linguista norte americano, que embasa o fato que não importa a modalidade usada pela língua, todas são consideradas naturais:

[...] para Whitney, que considera língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; **os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas** (SAUSSURE, 1969, p. 17 apud QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30, grifo nosso).

A argumentação de Whitney não deixa dúvida sobre que competências linguísticas são comuns a qualquer modalidade de língua. A interação com os seus pares possibilita que o falante/sinalizante⁶ usuário delas aprendam o uso correto dessas competências. Segundo Cançado (2015, p.17), essas competências percorrem vários aspectos da língua “[...] o vocabulário adquirido, como pronunciar as palavras, como construir as palavras, como construir as sentenças, e como entender o significado das palavras e das sentenças”.

A Semântica, ramo da linguística responsável pela investigação do significado, é responsável pela análise de como o falante/sinalizante gerencia o uso do léxico da sua língua para “manipular” os diversos sentidos que poderá assumir nas construções das sentenças nas línguas naturais.

A próxima seção fará um pequeno resumo histórico de quando tal disciplina aparece no cenário dos estudos relacionados à linguagem humana e como se faz essa análise.

⁴ Willian Clarence Stokoe Júnior foi professor de literatura inglesa na Escola de Educação de Surdos Gallaudet College (atual Gallaudet University), que durante a década de 1960, realizou estudos linguísticos profundos sobre as línguas sinalizadas. Os estudos realizados por Stoke serviram como referência para que a Língua de Sinais Americana (ASL) saísse da marginalidade como um sistema truncado da língua oral inglesa ou mímica e ganhasse status de língua e também ajudasse outras línguas de sinais no mundo a receberem o mesmo reconhecimento linguístico (OLIVEIRA, 2015, p. 86-102).

⁵ Willian Dwight Whitney (1827-1894) – Segundo Rodrigues (2008), Whitney foi um Linguista norte americano, cujos estudos seus estudos foram de grande importância para Saussure. Ele se dedicou ao estudo das mudanças das línguas e também ao fato de que a língua seria uma instituição concreta e poderia ser aprendida e passada de geração em geração (RODRIGUES, 2008, p. 5).

⁶ O termo falante/sinalizante será empregado neste trabalho, pois para Saussure (1969, p. 17) apud Quadros e Karnopp (2004, p.30) este fenômeno se aplica as duas modalidades de língua.

1.3 A Semântica esclarece aspectos importantes sobre o sentido do léxico

Segundo Weedwood (2002, p. 114), o estudo do significado das palavras no cenário linguístico nasce no final do século XIX, com Michel Bréal⁷, estudioso francês responsável por “determinar as leis que regem as mudanças no significado das palavras” em seu livro *Ensaio de Semântica*. Até a década de 1930 os “postulados brealinos” eram aceitos pela comunidade científica controlando toda a área da pesquisa semântica, tratando-a como uma disciplina diacrônica⁸. A mudança de perspectiva no estudo da língua só muda a partir deste período, quando os linguistas passam a usar um estudo sincrônico⁹ (ALMEIDA e SOUZA, 2011, p. 28 apud SEIDE 2012, p. 98; WEEDWOOD, 2002, p. 114).

Bréal associava o uso e o contexto em que o léxico era empregado numa situação comunicativa para determinar o seu real significado, desta forma ele também contribuiu para a inclusão da Pragmática¹⁰ nos estudos semânticos. Nerlich e Clarke (1996, p. 244) apud Seide (2012, p. 102) depois de listarem vários estudiosos da linguagem que foram percursores, contemporâneos ou apoiadores de Bréal em seus postulados semânticos, concluíram que:

A teoria de linguagem e de significado de Bréal é, portanto, uma teoria cognitiva, pragmática e dialógica, por levar em conta o falante, o ouvinte, a intenção e o contexto, fatores que interagem para possibilitar que o falante compreenda uma oração. O que Bréal queria encontrar eram as leis intelectuais da linguagem [...], isto é, leis de linguagem semânticas e pragmáticas (NERLICH e CLARKE 1996, p. 244 apud SEIDE 2012, p. 102).

Até aqui se evidencia que além das questões culturais em que um falante/sinalizante possa estar envolvido, é necessário identificar em qual contexto um léxico está sendo aplicado para determinar o seu verdadeiro significado. Cançado (2015, p. 65) corrobora nesse aspecto quando explica que “[...] o significado, na maioria das vezes, estabelecer-se a partir de determinado contexto. [...] é mais fácil definir uma palavra se esta está no contexto de uma sentença. Efeitos contextuais podem direcionar [...] para diferentes caminhos”. Desde a sua entrada nos estudos linguísticos, a Semântica contribui favoravelmente em vários aspectos

⁷ Segundo Cruz (2009, p. 111) apud Seide (2012, p. 98), o filósofo Michel Bréal foi professor de Ferdinand Saussure e no ano de 1881 o convidou para lecionar na Universidade Francesa chamada École de Hautes Études (Escola Prática de Altos Estudos), onde permaneceu até o ano de 1891 durante dez anos.

⁸ Segundo Dubois e Diácomo [et.al.] (2014, p. 172), a diacronia são os “fatos linguísticos considerados na sua evolução através do tempo, ou então a disciplina que se ocupa desse caráter (a linguística diacrônica)”.

⁹ Segundo Dubois e Diácomo [et.al.] (2014, p. 517), “o estudo sincrônico da língua aplica-se a um estado determinado (num momento dado tempo)”.

¹⁰ Segundo Dubois e Diácomo [et.al.] (2014, p. 480), a análise pragmática da linguagem “concerne às características de sua utilização (motivações psicológicas dos falantes, reação dos interlocutores, tipos socializados de fala, objeto da fala etc.) por oposição ao aspecto sintático (propriedades formais das construções linguísticas) e semântico (relação entre as unidades linguísticas e o mundo)”.

para os estudos relacionados à linguagem. Por meio de vários “recortes” em seus “objetos de estudo”, essa importante área da linguística ajuda os estudiosos a compreender claramente como esse fenômeno acontece, conforme explica Müller e Viotti (2014, p. 137) que há “[...] semântica de todo tipo. [...] textual, [...] cognitiva, [...] lexical, [...] argumentativa, [...] discursiva [...] Todas elas estudam o significado, cada uma de um jeito”.

Tendo em vista o foco principal da proposta deste trabalho que é a criação de um Glossário de Sinais Ambíguos da Libras, o “recorte” a ser adotado será com o foco no significado, portanto, com o olhar da Semântica Lexical, sendo o sentido do léxico o objeto de estudo.

1.3.1 Como a Semântica Lexical estuda o sentido nas línguas naturais

As divisões do objeto de estudo para fins de análises são usadas por todas as ciências com o objetivo de ter uma maior eficiência nos resultados. Pietroforte e Lopes (2014, p. 118) explicam que a fonologia usa desse método para descrever “[...] as unidades do plano da expressão seguindo um procedimento metódico de decompô-las em traços distintivos”. A **Figura 2** mostra a análise fonológica realizada com as consoantes oclusivas orais do português, com o objetivo de detectar traços comuns (distintivos) e também traços que as distingam uma das outras:

	Oral	Oclusivo	Bilabial	Dental	Velar	Vozeado
/p/	+	+	+	-	-	-
/t/	+	+	-	+	-	-
/k/	+	+	-	-	+	-
/b/	+	+	+	-	-	+
/d/	+	+	-	+	-	+
/g/	+	+	-	-	+	+

Figura 2 - Consoantes oclusivas orais do português

Fonte: PIETROFORTE e LOPES (2014, p. 118).

A semântica lexical transferiu os princípios desse método de análise para achar “[...] os traços distintivos próprio de conteúdo” de um *lexema*¹¹, com o objetivo de encontrar traços comuns de sentido ou os que diferenciem um dos outros, essas unidades de significado são chamadas de semas¹² (PIETROFORTE e LOPES, 2014, p. 118; SOARES, 2013, p. 42).

¹¹ Segundo Welker (2004, p. 20) “o *lexema* é uma palavra ou parte de uma palavra que tem significado próprio”.

¹² Os primeiros a usarem a teoria de semas para a análise de traços semântico ou sêmicos foram Bernard Pottier e Coseriu na década de 1960 (WELKER, 2004, p. 26; PIETROFORTE e LOPES, 2014, 119).

Pietroforte e Lopes (2014) usam uma tabela para representar alguns semas (unidades do campo lexical) do lexema chapéu. A **Figura 3**¹³ mostra a aplicação desse método. A relação entre os *lexemas* do campo semântico do *chapéu* estão dispostos horizontalmente e verticalmente estão ordenados os *semas*, que equivalem aos conteúdos possíveis que cada *lexema* pode ter:

	para cobrir a cabeça	com copa	com copa alta	com abas	com abas largas	com pala sobre os olhos	de matéria flexível	ajustável à cabeça	masculino
boné	+	+	-	-	-	+	+	+	+/-
gorro	+	+	-	-	-	-	+	+	+/-
sombreiro	+	+	-	+	+	-	+	-	+
panamá	+	+	-	+	-	-	+	-	+
cartola	+	+	+	+	-	-	+	-	+
coco	+	+	-	+	-	-	-	-	+
boina	+	+	-	-	-	-	+	-	+/-
quepe	+	+	-	-	-	+	-	-	+
chapelina	+	+	-	+	+/-	-	+	-	-

Figura 3 - Análise sêmica do lexema chapéu

Fonte: PIETROFORTE e LOPES (2014, p. 118).

Uma aplicação prática da análise sêmica é usada pelos dicionários¹⁴ para organizarem os léxicos existentes numa língua. O verbete/entrada é composto dos *semas* referentes a cada item lexical da língua, que são os sentidos ou acepções que há existente na língua para aquele *lexema* (PIETROFORTE e LOPES, 2014 p. 119).

O campo de atuação dos estudos da semântica lexical abrange vários aspectos, Soares (2013, p. 42) explica que podem ser:

[...] teorias da classificação e da decomposição do significado das palavras, incluindo as diferenças e semelhanças na estrutura semântica lexical entre línguas diferentes, [...] a relação de significados da estrutura sintática de sentenças. [...] se o significado de uma unidade lexical é estabelecido pelo seu uso e função em cada rede semântica, ou se o significado já está localmente contido na unidade lexical. **E as relações lexicais (definidas como padrão de associação existente entre itens lexicais em uma linguagem), como sinonímia, antonímia (opostos), hiponímia e hiperonímia – e até certo ponto homonímia [...]** (SOARES, 2013, p. 42, grifo nosso).

Essas relações lexicais mencionadas por Soares (2013) são importantes para que o falante/sinalizante construa sentidos durante a comunicação. Ferrarezi JR (2008, p. 21) apud

¹³ Os sinais de “presença (+)/ ausência (-)” (PIETROFORTE e LOPES, 2014, p. 119).

¹⁴ As seções 1.2.1 e 1.2.2 explicarão mais detalhadamente sobre o que são os dicionários.

Lima, Cruz, *et al.* (2014, p. 3) explica que este processo acontece de forma natural, mas “dentro de um dado contexto, em uma dada situação”.

Mas como essas propriedades de semânticas de semelhança, de oposição e de ambiguidade acontecem nas línguas orais e sinalizadas? Os próximos dois subtítulos explicarão como esses fenômenos podem ser percebidos nessas duas modalidades de línguas.

1.3.1.1 As propriedades semânticas de sinonímia e paráfrase, antonímia e contradição, homonímia e polissemia nas línguas orais.

1.3.1.1.1 Sinonímia e Paráfrase

A relação de sinonímia entre palavras e sentenças, também chamada de paráfrase, acontece, quando se pode extrair delas significados iguais ou semelhantes. Na análise dessas relações de significado, Cançado (2015) faz uso da perspectiva referencial dos itens lexicais e seu valor de verdade. A autora explica que não basta que os significantes (imagens acústicas) sejam os mesmos, mas que quando da aplicação desses itens lexicais, os falantes sejam capazes de detectar essas relações semânticas e tendo competência de testificar se são verdadeiras ou não. Ilari e Geraldi (1987, p. 44-45) apud Cançado (2015, p. 48) esclarecem que quando há uma relação de sinonímia entre duas palavras, elas podem ser “substituídas no contexto de qualquer frase sem que passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa”.

Ao usar as palavras “menina” e “garota” em duas frases adaptadas de Ilari e Geraldi, Cançado (2015) exemplifica melhor essa propriedade:

- (1) a. Toda menina sonha virar mulher um dia.
- b. Toda garota sonha virar mulher um dia.

A inversão dos itens lexicais “menina” e “garota” entre as frases (a) e (b) não acarretará nenhum prejuízo com relação à mudança no sentido dessas palavras, as sentenças continuarão fazendo referência a um mesmo significante no mundo.

A paráfrase é um tipo de sinonímia, também chamada de “sinonímia de conteúdo”, pois é focada na informação transmitida pelas sentenças, que deve ser a mesma. Mas, conforme Koch e Elias (2016, p. 102) explicam, o conteúdo é “[...] apresentado sob formas estruturais distintas”. O objetivo de sua utilização é de “reformulação, ajuste, desenvolvimento, síntese etc.”. Expressões como: “isto é, ou seja, ou melhor, em síntese, em

resumo, em outras palavras etc.” são usadas para introdução de paráfrases (KOCH e ELIAS, 2016, p. 102).

Essa propriedade é muito usada em trabalhos acadêmicos por se tratar de uma estratégia argumentativa útil para chamar atenção do leitor e esclarecer pontos que já foram mencionados no texto. A **Figura 4** foi retirada de Koch e Elias (2016) e mostra claramente como essa propriedade semântica pode ser uma ferramenta eficiente:

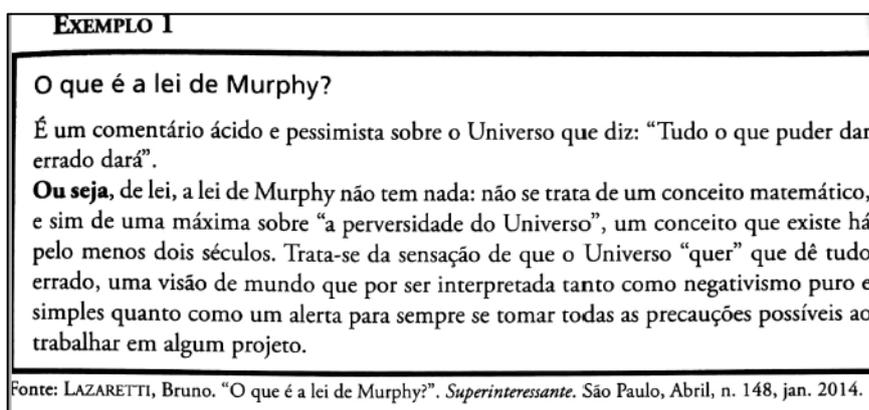


Figura 4- Paráfrase aplicada em texto

Fonte: (KOCH e ELIAS, 2016, p. 103)

1.3.1.1.2 Antonímia e contradição

Ao contrário da sinonímia que estabelece uma relação equivalente nos sentidos relacionados entre itens lexicais ou sentenças, a antonímia estabelece uma relação de sentidos contrários.

Segundo Cançado (2015, p. 52), existem três tipos de antonímia na LP: a binária, a inversa e a gradativa. A antonímia binária diz respeito a pares de palavras que quando uma é aplicada a outra necessariamente não pode ser aplicada. A autora, ao analisar o par lexical “morto/vivo” explica que esse é um exemplo claro desse tipo de antonímia, pois se na aplicação em um contexto relacionado a um ser humano estando morto, esse com certeza não estará vivo. A antonímia inversa é usada quando se quer descrever “uma relação entre duas coisas ou pessoas e outra palavra descreve essa mesma relação, mas em ordem inversa”. O par de itens lexicais “pai/filho” mostra essa relação de antonímia inversa. “ Se X é pai de Y, então Y é filho de X”, há uma mesma relação, mas em ordem inversa. O último tipo de antonímia é a gradativa, que é composta de dois itens lexicais localizados nos extremos de uma escala gradativa. Entre o par lexical “quente/frio”, há a temperatura morna.

Quando há uma relação entre sentenças, a antonímia acontece com a contradição, ou seja, o entendimento não fica claro para o leitor. No exemplo:

(2) # O João beijou a Maria, mas a Maria não foi beijada pelo João¹⁵.

O fato de Maria ser ou não beijada por João não é deixado claro na sentença (2), caracterizando uma forte contradição no uso padrão na LP.

1.3.1.1.3 Homonímia e polissemia

Há um consenso entre os teóricos em estabelecer uma diferença clara entre essas duas propriedades semânticas nas línguas. Mas, Lyons (1987, p. 110) reconhece que existe “[...] dificuldade de se diferenciar homonímia e polissemia”. Soares (2013, p.48) concorda com Lyons (1987), quando explica que apesar de os estudiosos da área terem essas relações bem definidas, “[...] na prática não é tão simples como a teoria. A fronteira entre homonímia e polissemia ainda não é tão nítida”.

Pietroforte e Lopes (2014) explicam que para estabelecer a diferença entre as duas, a Teoria dos Signos, proposta por Saussure (1969), pode ser de grande ajuda. Segundo o autor, a homonímia acontece quando há “coincidência de significantes de palavras com significados distintos” (PIETROFORTE e LOPES, 2014, p. 129). Nas línguas há vários processos que podem convergir para essa propriedade semântica. Ullmann (1964, p. 364-374) apud Soares (2013, p. 48) explica as três principais possibilidades, mas neste trabalho serão analisadas somente duas, porque a terceira, a “influência estrangeira [...] é um processo raro” como explica o próprio autor. As duas principais formações de palavras homônimas analisadas por Ullmann (1964) são:

- (i) Convergência fonética, ou seja, o desenvolvimento de sons convergentes, isto é, quando dois ou mais itens lexicais tiveram, no passado, formas diferentes que coincidem na linguagem falada e escrita;
- (ii) Divergência semântica, ou seja, quando há o desenvolvimento de sentidos divergentes, isto é, “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles [...]” (ULLMANN, 1964, p. 368 apud SOARES, 2013, p. 48).

Dentre as duas principais possibilidades descritas por Ullmann (1964), a primeira teria problemas para detectar se há homonímia na relação dos itens lexicais, pois o falante da língua teria que ter conhecimento sobre a etimologia¹⁶ desses itens. Pietroforte e Lopes (2014,

¹⁵ Cançado (2015, p. 63) adota o sinal # (jogo da velha) para indicar contradição na sentença.

¹⁶ Dubois e Diácomo [et.al.] (2014, p. 234) explica que a etimologia é a “pesquisa das relações que uma palavra mantém com uma unidade mais antiga, de que se origina”.

p. 129) trazem um exemplo do par de *lexemas* da LP, “manga (de camisa) /manga (fruto da árvore mangueira)”, com essa característica. Os autores explicam que: “A manga da camisa tem origem no latim *manica*, que quer dizer “parte da vestimenta que recobre os braços”, já a manga fruta tem sua origem no tâmul¹⁷ *mankay*, que quer dizer “frutos da mangueira””. O item lexical *Mankay* passou por um processo diacrônico do tipo fonológico, o qual transformou o fonema /k/ em /g/ em português, resultando numa coincidência de significantes, mas numa divergência de significados (PIETROFORTE e LOPES, 2014, p. 129). Segundo Soares (2013, p. 46), a homonímia “provém de diferentes origens lexicais (consequentemente diferentes significados) com a mesma forma”, portanto ao fazer a aplicação do item lexical “manga”, o usuário da língua percebe que dependendo do contexto, ele tem dois significantes (imagem acústica) distintos.

A segunda, Cançado (2015, p. 71-72) explica que a homonímia e a polissemia contribuem para que haja ambiguidades entre palavras, ou seja, pode-se atribuir a um único lexema “dupla interpretação”. No caso da homonímia, a autora esclarece que “[...] os sentidos da palavra ambígua não são relacionados”. Mas, a polissemia “[...] ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm relação ente si”. O *lexema* “pé” e “rede” são polissêmicos, pois em qualquer contexto que eles forem aplicados, o falante associa respectivamente “[...] como sendo a base [...]” e “[...] coisa entrelaçada [...]”, como podem ser vistos nos dois exemplos retirados da autora:

- (3) a. pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página etc.
 b. rede: rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores etc.

Soares (2013, p. 46) explica que a polissemia tem “[...] uma mesma origem lexical com vários significados [...]”, fazendo parte do mesmo campo semântico.

Segundo Cançado (2015) e Lyons (1987) explicam, a distinção entre homonímia e polissemia é muito usada na Lexicografia¹⁸, ciência responsável na estruturação dos dicionários, nos quais as palavras homônimas são listadas em entradas (verbetes) diferentes, contudo as palavras polissêmicas são listadas numa só entrada e especificadas no mesmo verbete com suas acepções.

¹⁷ Segundo Simons e Fennig (2018) do site Ethnologue.com, a língua tâmul, também é chamada de tâmil, pelo fato de ser a língua oficial dos estados do sul da Índia (Tamil Nadu).

¹⁸ A seção 1.2 explicará com mais detalhes sobre Lexicografia e Lexicologia.

1.3.1.2 Como são identificadas as propriedades semânticas na LSB

Por se tratar também de uma língua natural, o modo como os fenômenos semânticos são percebidos nas LS, conforme explica Faria-Nascimento (2003, p. 23) que “a LS – não foge a regra das línguas ricas de termos parecidos, polissêmicos e metafóricos. Segundo a mesma autora, um léxico de uma língua pode ser usado de várias formas e “produzindo uma infinidade de significados, proporcionando trocadilhos cujos significados flutuam [...] dos mais simples [...] aos mais poéticos [...], porém são carregadas da cultura vivenciada por sua comunidade” (FARIA-NASCIMENTO, 2003, p. 25).

Antes de explorar sobre como acontecem as propriedades semânticas na Libras, é de suma importância compreender como é formado o seu léxico para que posteriormente possa compreender as relações semânticas de sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia.

A seção seguinte explicará como acontece o processo fonológico na formação dos sinais na Libras e quais são as suas unidades mínimas.

1.3.1.2.1 A fonologia da Libras

Costa (2015, p. 30) explica que “o termo fonologia origina-se do grego pela fusão dos termos *phonos* (*φωνή* - *phōnē*), som ou voz, e *logos* (*λόγος*), palavra ou verbo”. Ferreira (1995) explica que nas LO, a fonologia tem a função de estudar o sistema fonador, composto dos órgãos responsáveis pela produção de som, e que é responsável pela produção da voz humana e que conseqüentemente dá origem à fala. Essa produção é linear, pois cada fonema, a menor unidade sem significado é produzido um a um, para que formem sílabas e depois as palavras. Essas unidades mínimas sem significado, os fonemas, são estudadas pela fonologia. Alguns teóricos questionam o uso desse termo ligado aos estudos da produção dos sinais nas LS, por está relacionado ao som. Brentari (1995, p. 615) apud Quadros e Karnopp (2004, p. 47) argumenta que a função da fonologia é a identificação das “[...] unidades mínimas do sistema, quais aspectos [...] contrastivos [...]” de qualquer modalidade de língua, oral-auditiva ou visuo-espacial. Portanto, não há nenhum problema em usar esse termo também para as LS.

As unidades mínimas que são responsáveis pelo processo de formação dos sinais têm as mãos como sua unidade principal na composição deles. Existem cinco unidades mínimas responsáveis pela composição desses signos, divididos em primários e secundários. Os primários: a configurações de mão (CM), o movimento (M), o ponto de articulação (PA) e os secundários: a orientação da mão (Or) e as expressões não manuais (ENM). Na produção dos

sinais esses elementos são produzidos simultaneamente, sendo essa a principal característica das LS.

Ferreira e Langevin (1995) explicam que muitos estudiosos das LS se esforçaram em analisar e transcrever as LS:

[...] tentativas de descrição de sinais remontam no começo do século XIX. Já em 1825 R.A. Bebian pesquisava os movimentos dos itens lexicais da Língua de Sinais Francesa (LSF) [...] Para os linguistas, o trabalho pioneiro é o dicionário de Stokoe (1965). Este e seus coautores propuseram determinados parâmetros a fim de elaborar uma notação para os sinais da ASL, parâmetros esses que têm sido largamente usados na descrição de um grande número de línguas de sinais (FERREIRA e LANGEVIN, 1995, p. 211).

Com base nos estudos de Stokoe (1965), muitos estudiosos brasileiros se embrearam também na análise da Libras. Lucinda Ferreira Brito é uma das linguistas que se dedicou a essa tarefa não muito fácil, de criar um sistema de notação para a transcrição dos sinais na Libras. A autora criou o modelo que reúne vários termos relacionados aos cinco parâmetros da Libras descrito no capítulo doze do livro *Por uma Gramática de Língua de Sinais* escrito em coautoria com a linguista Remi Langevin. A obra é usada como referência nos estudos linguísticos da Libras por grande parte dos estudiosos.

Nas cinco seções seguintes deste trabalho, os cinco parâmetros fonológicos serão explicados e os termos usados pelas autoras serão usados também no capítulo de análise dos sinais ambíguos.

1.3.1.2.1.1 Configuração de Mão (CM)

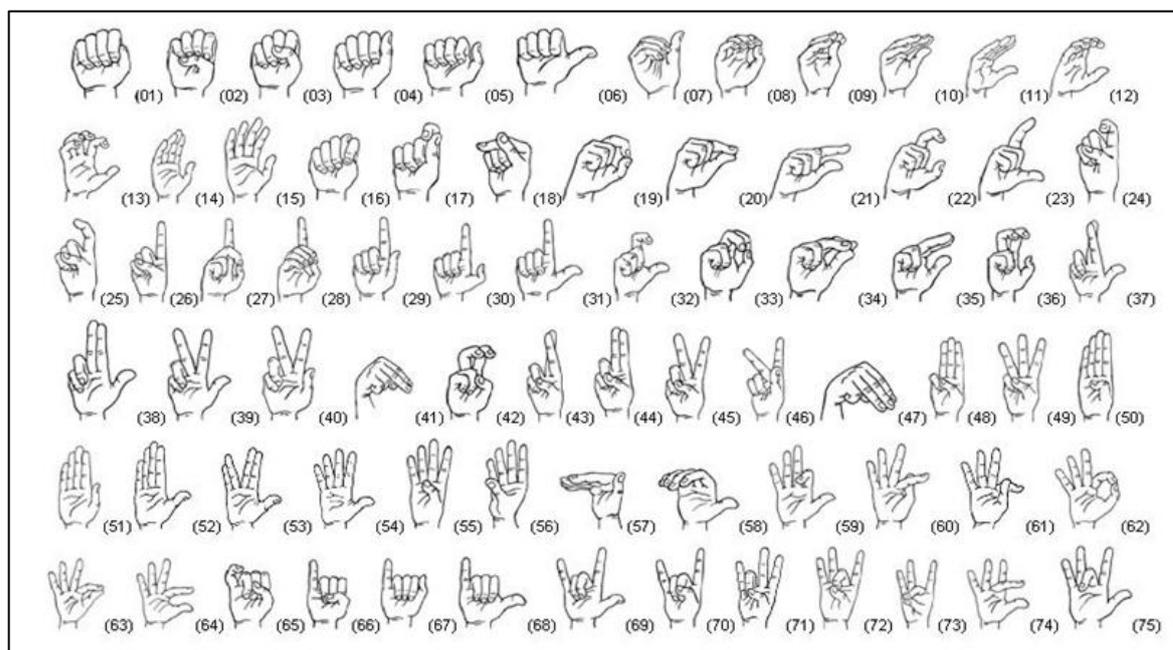
O primeiro parâmetro primário CM: “são as diversas formas que as mãos tomam na realização do sinal”. Cada comunidade linguística, onde a LS está inserida, adota suas CM, não se restringindo somente às existentes no alfabeto manual. As inúmeras possibilidades de configurações que podem ser usadas nas LS são bem amplas (FERREIRA, 1995, p. 36-37).

Costa (2015) explica que a catalogação das possíveis CM na Libras se inicia na década de 1980 com a linguista Lucinda Ferreira Brito. A **Tabela 1** mostra a evolução na catalogação das CM possíveis na Libras e a **Figura 5** mostra as setenta e cinco (75) CM inventariadas por Sandra Patrícia Faria Nascimento em sua Tese de Doutorado no ano de 2009 e que será usada posteriormente no capítulo de análise dos dados:

Tabela 1 - Histórico do catálogo CM e seus pesquisadores

Ano	Quantidade CM	Pesquisador
1995	46	FERREIRA (1995)
2005	64	FELIPE E MONTEIRO (2008) ¹⁹
-	61	PIMENTA ²⁰
2009	75	FARIA-NASCIMENTO (2009)

Fonte: (COSTA, 2015, p. 41-46)

**Figura 5 - Quadro de CM FARIA-NASCIMENTO (2009).**

Fonte: (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 177-183).

1.3.1.2.1.2 Ponto de articulação (PA)

Segundo Ferreira (1995 p. 37), o parâmetro primário PA: “[...] é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados”. O espaço em frente ao corpo é chamado de “espaço neutro”.

Quadros e Karnopp (2004, p. 57) chamam de “espaço de enunciação” todos os pontos que as mãos do sinalizante podem alcançar na produção dos sinais. Se os interlocutores estiverem “face a face”, esse espaço é considerado ideal, mas pode haver alterações por motivo de mudanças de posições ou distâncias.

¹⁹ Essas CM foram inventariadas pelo Grupo de Pesquisa da FENEIS, utilizada no Dicionário Digital de Libras Versão 2005 (COSTA, 2015, p. 43).

²⁰ Essas CM foram inventariadas por Nelson Pimenta, primeiro ator Surdo a se profissionalizar no Brasil (COSTA, 2015, p. 44).

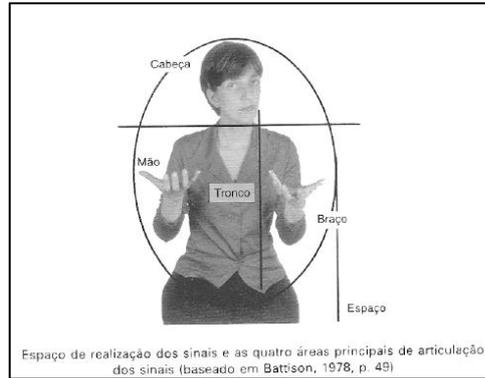


Figura 6 – Os PA possíveis na Libras.
 Fonte: (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 57).

O **Quadro 1** mostra os PA na Libras segundo Ferreira e Langevin (1995) :

Ponto de Articulação	
Cabeça	Topo da Cabeça
	Testa
	Rosto
	Parte superior do rosto
	Parte inferior do rosto
	Orelha
	Olhos
	Nariz
	Boca
	Bochechas
	Queixo
Zona abaixo do queixo	
Tronco	Pescoço
	Ombro
	Busto
	Estômago
Braços (Membros Superiores) Pernas (Membros Inferiores)	Cintura
	Braço
	Antebraço
	Cotovelo
	Pulso
	Perna
Mão	Palma
	Costa da mão
	Lado indicador
	Lado do dedo mínimo
	Dedos
	Ponta dos dedos

	Nós dos dedos (junção entre os dedos e mão)
	Nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
	Dedo mínimo
	Anular
	Dedo médio
	Indicador
	Polegar
	Interstícios entre os dedos
	Interstícios entre o polegar e o indicador
	Interstícios entre os dedos indicador e médio
	Interstícios entre os dedos médio e anular
	Interstícios entre os dedos anular e mínimo
Espaço Neutro	Espaço neutro

Quadro 1 - Pontos de articulação da Libras
 Fonte: (FERREIRA e LANGEVIN, 1995, p. 216)

1.3.1.2.1.3 O Movimento (M)

Segundo Klima e Bellugi (1979) apud Ferreira (1995), o terceiro parâmetro M é composto de muitos movimentos e várias possibilidades de formas e direções. Dentre esses incluem os movimentos internos de mão, os movimentos de pulso, os movimentos direcionais no espaço, podendo também ter uma soma de movimentos no mesmo sinal.

Na análise do parâmetro M na Libras, Ferreira (1995) e Quadros e Karnopp (2004) fazem uso dos estudos realizados por Baker e Padden (1978), Klima e Bellugi (1979) e Friedman (1977) na ASL e concluem que os sinais na Libras podem acontecer alteração no significado quando há distinção do movimento usado. Essas alterações podem ser relacionadas a várias características de um sinal, distinção entre nomes e verbos, como também de tempo.

O **Quadro 2** mostra o quadro construído por Costa (2015) com as categorias dos M possíveis na Libras: tipo, direcionalidade, maneira e frequência. Essa divisão dos movimentos foi organizada por Ferreira (1995) e usada também por Quadros e Karnopp (2004).

Tipo	Direcionalidade
<p><i>Contorno em forma geométrica</i>: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual; <i>Interação</i>: alterado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado; <i>Contato</i>: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar; <i>Torcedura de pulso</i>: rotação, com refreamento; <i>Dobramento de pulso</i>: para cima, para baixo; <i>Interno de mãos</i>: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>	<p>Direcional</p> <p><i>Unidirecional</i>: para cima; para baixo; para direita; para esquerda; para dentro; para fora, para o centro; para a lateral inferior esquerda; para a lateral superior direita; para a lateral superior esquerda; para a lateral superior direita; para específico ponto referencial; <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo; para a esquerda e para a direita; para dentro e para fora; para as laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.</p> <p>Não-direcional</p>
Maneira	Frequência
<p>Qualidade, tensão e velocidade: Contínuo De retenção Refreado</p>	<p>Repetição: Simples Repetido</p>

Quadro 2 - Quadro Movimento

Fonte: (FERREIRA, 1995) apud (COSTA, 2015, p. 51)

1.3.1.2.1.4 Orientação da mão (Or)

Segundo Quadros (2004), Stokoe nos estudos da ASL não considerou o parâmetro orientação da mão como importante no seu trabalho sobre essa língua, entretanto dez anos depois outros pesquisadores perceberam que esse parâmetro pode funcionar como distintivo em alguns sinais. Battison em 1974 sugere que esse parâmetro seja incluído nos estudos fonológicos das LS, visto que entre pares de sinais, a mudança desse parâmetro ocasiona alteração de significado. Quadros e Cruz (2011) apud Costa (2015) explicam que a Or pode servir como morfemas, como é o caso do “[...] verbo AJUDAR, com a orientação da palma virada para frente, significa EU-AJUDAR-VOCÊ, se for virada para o sinalizante, significa VOCÊ-AJUDAR-EU. [...] Isso é observado em vários verbos das línguas de sinais” (QUADROS e CRUZ, 2011, p. 65 apud COSTA, 2015, p. 53).

No **Quadro 3** estão dispostas as possibilidades das Or na Libras:

(FERREIRA 1995, p. 41); (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 59,60)
Orientação da mão (Or)
Para cima
Para baixo
Para dentro
Para fora
Para o lado (contralateral)
Para o lado (ipsilateral)

Quadro 3 - Tipos do parâmetro Or

Fonte: (FERREIRA 1995, p. 41; QUADROS e KARNOPP, 59,60, p. 58)

1.3.1.2.1.5 Expressões Não-Manuais (ENM)

O quinto parâmetro fonológico das LS é composto por expressões não manuais. O próprio termo já nos dá uma ideia de que a produção dos sinais acontece sem o uso das mãos. Segundo Quadros (2004, p. 60), “o movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco” são as regiões do corpo usadas pelo articulador no momento da sinalização. A autora também explica que as ENM “[...] têm função sintática: marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalização, concordância e foco [...] marcam referência específica [...] pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto”.

Segundo Costa (2015, p. 54), as ENM “são mais relevantes para as análises morfológicas e sintáticas (morfofossintáticas) do que as fonológicas”, pois seu uso é essencial na formação das frases nas LS e que sem essas não teriam nenhum sentido.

Depois de uma análise do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira de CAPOVILLA e RAPHAEL (2001), Xavier (2006) apud Costa (2015) enumera os cinco sinais em Libras que são realizados somente usando as ENM:

“[...] ASSOBIAR (p. 235), BUFAR (p. 324), MASTIGAR (p. 875), ROUBAR (2) (p. 1154) e SEXO (ato-sexual) (p. 1194). Desses cinco, os dois últimos podem, respectivamente, ocorrer como marcação não-manual de ROUBAR (1) (dicionarizado sem essa marcação) e MOTEL (p. 923) (XAVIER, 2006, p. 88 apud COSTA, 2015, p. 54)

As ENM são de grande importância também durante a produção de alguns sinais estabelecendo marcas sintáticas, porém há alguns que nem mesmo usam esse parâmetro. Xavier (2006) apud Costa (2015) catalogou também no dicionário “2.269 sinais quanto à propriedade articulatória – marcação não-manual: (i) 1897 sinais não possuem [...] (ii) 372 sinais possuem” (COSTA, 2015, p. 55).

Na marcação do tempo verbal nas LS, o corpo do sinalizante exerce uma função essencial para situar o interlocutor na cronologia da narrativa, no passado, no presente ou no futuro. Segundo Finau (2008, p. 262) apud Costa (2015, p. 55) o sinalizante cria uma linha imaginária perpendicular ao corpo “[...] no espaço de sinalização: futuro bem à frente do tronco, passado atrás e presente próximo [...]”. O **Quadro 4** mostra as possíveis ENM catalogadas na Libras:

Expressões Não manuais		
(FERREIRA 1995, p. 240-242; QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 61)		
Rosto	Parte Superior	Sobrancelhas franzidas
		Olhos arregalados
		Lance de olhos

	Parte inferior	Sobrancelhas levantadas
		Bochechas infladas
		Bochechas contraídas
		Lábios contraídos
		Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
		Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
		Apenas bochecha direita inflada
		Contração do lábio superior
		Franzir do nariz
Cabeça	Balanceamento para frente e para trás (sim)	
	Balanceamento para os lados (não)	
	Inclinação para frente	
	Inclinação para o lado	
	Inclinação para trás	
Rosto + cabeça	Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas.	
	Cabeça projetada para trás e olhos arregalados	
Tronco	Para frente	
	Para trás	
	Balanceamento alternado dos ombros	
	Balanceamento simultâneo dos ombros	
	Balanceamento de um único ombro	

Quadro 4 - Tipos de ENM na Libras

Fonte : (FERREIRA 1995, p. 240-242; QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 61)

Com base na explanação dos parâmetros fonológicos das LS e em especial da Libras, a próxima seção desse trabalho tratará como acontece a análise dos sentidos nessa língua e as relações entre os signos referentes a sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia.

1.3.1.2.2 As propriedades semânticas de sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia na Libras

Quadros e Karnopp (2004) explicam que tanto as LOs, bem como as LS, apesar de serem de modalidades diferentes, compartilham dos mesmos princípios linguísticos e, portanto não há distinção nos estudos semânticos entre essas. A relação entre significante/significado acontece também com os sinalizantes da mesma forma que acontece com os falantes.

A seção 1.3.1.1 discorre sobre as propriedades semânticas nas línguas orais e mostra que a análise do significado deve ser realizada dentro do contexto de uso, pois dependendo

dos contextos aplicados os itens lexicais podem assumir significados diferentes. Nas línguas de sinais não se foge a essa regra, por ser de modalidade visuo-espacial e culturalmente convencionada, a prática no uso dessa língua não deve ser desprezada no momento das análises semânticas. Segundo Lima, Cruz, *et al.*, (2014, p. 6) “[...] compreender a relação simbólica dos atos sócio-interativos [...]” da Libras é o “passaporte” para entendê-la.

Mas como se evidenciam as principais propriedades semânticas (sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia) nas LS, especificamente na Libras? As próximas seções explicarão com mais detalhes sobre esses aspectos de significado que são tão importantes para os seus usuários.

1.3.1.2.2.1 A sinonímia na Libras – Sinais diferentes e significados semelhantes

A propriedade semântica de sinonímia também pode ser observada nas LS. Assim como nas LOs, os sinônimos nas LS são itens lexicais articulados de forma diferente e que possuem conceitos bem aproximados. Lima, Cruz, *et al.* (2014, p. 12) explicam que “não existem sinônimos perfeitos” em nenhuma língua, portanto esta constatação também é válida nas LS. A **Figura 7** e a **Figura 8** mostram um exemplo de sinônimos na Libras e que são usados em situações parecidas. O sinal VELHO1, destinado a objetos e coisas com anos de uso e o sinal VELHO2 que é usado com pessoas e animais que envelheceram. Os parâmetros (CM, Or, PA e ENM) são iguais, somente o parâmetro M, que é distintivo.



Figura 7 - Sinal VELHO1 em Libras - objetos e coisas.

Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 2212)



Figura 8 - Sinal VELHO2 em Libras - pessoas e animais.

Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 2212)

A **Figura 9** e a **Figura 10** mostram a relação de sinonímia entre dois sinais com conceitos iguais, mas que são “utilizados em situações distintas”. O Sinal NOVO1 em situações em que se esteja informando sobre coisas/objetos novos e o NOVO2/JOVEM em situações que envolvam pessoas ou animais (LIMA, CRUZ, *et al.*, 2014 p.12). Comparando os parâmetros dos dois sinais, percebe-se que todos os parâmetros são diferentes, contatando

que são itens totalmente distintos, mas que ao serem usados nos seus respectivos contextos, passam a mesma ideia.



Figura 9 - Sinal NOVO1 em Libras - coisas novas.
Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 955)

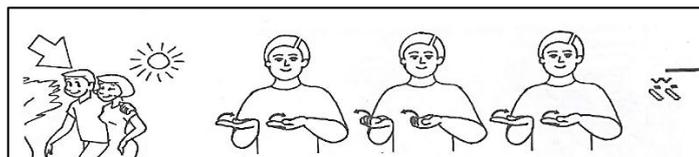


Figura 10 - Sinal de NOVO/JOVEM em Libras - pessoas e animais.
Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 787)

1.3.1.2.2.2 A antonímia na Libras – Sinais diferentes e significados diferentes.

A propriedade de antonímia na Libras se dá quando dois sinais mantêm sentidos opostos entre si. Segundo Valente (2011, p. 168) apud Lima, Cruz, *et al.* (2014, p. 14), a oposição entre palavras podem aparecer entre adjetivos, que “[...] podem [...] ser consideradas em termos de grau, relativamente à qualidade que indicam”. Nas LS isso pode ser observado por meio da intensificação de alguns parâmetros fonológicos. Gesser (2009) apud Lima, Cruz, *et al.* (2014) explica que:

As mãos não são o único veículo usado nas línguas de sinais para produzir informação linguística. Os surdos fazem uso extensivo de marcadores não manuais. Diferentemente dos traços paralinguísticos das línguas orais (entonação, velocidade, sotaque, expressões faciais, hesitações, entre outros), nas línguas de sinais, as expressões faciais (movimento de cabeça, olhos, boca, sobrancelhas etc.) são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua [...] (LIMA, CRUZ, *et al.* 2014, p. 14,15 apud GESSER, 2009, p. 17-18)

O exemplo dado por Cruz, *et al.* (2014, p. 14) mostra os sinais FÁCIL/DIFÍCIL, respectivamente na **Figura 11** e **Figura 12**, que estabelecem entre si uma relação de oposição e o sinal DIFÍCIL na **Figura 12**, que com algumas variações por meio da intensificação do M e ENM pode estabelecer uma relação de antonímia também:



Figura 11 - Sinal FÁCIL em Libras
Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 1035)

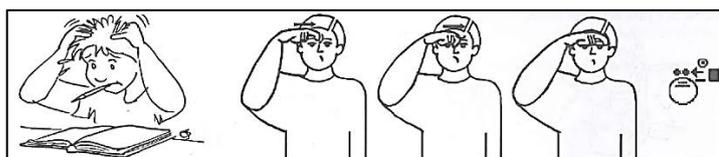


Figura 12 - Sinal DIFÍCIL em Libras

Fonte: (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p. 543)

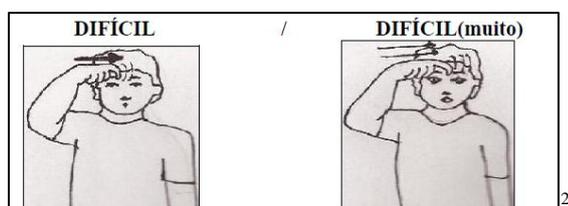


Figura 13 - Relação de antonímia com sinal DIFÍCIL em Libras

Fonte: (LIMA, CRUZ, *et al.*, 2014, p. 14)

1.3.1.2.2.3 A homonímia na Libras – Sinais iguais e significados diferentes

A homonímia é uma propriedade semântica identificada em qualquer língua. Os dois principais motivos são: (i) por não fazerem parte nem da mesma base lexical e (ii) nem pertencerem ao mesmo campo semântico, constatando que possuem conceitos diferentes e, portanto são homônimos. Nas LS as propriedades semânticas igualmente são observadas e os parâmetros fonológicos responsáveis pela formação dos sinais que são levados em conta para a análise dessas relações semânticas. Isso é atestado por Soares (2013, p. 62) quando explica que “[...] o sentido só é acessível mediante a materialidade fônica (querema²²) ou gráfica das expressões, tendendo naturalmente a conceber o sentido segundo a imagem das formas significantes que a configuram”. Portanto, ao estabelecer uma relação homônima entre dois significantes, deve-se atestar que nos contextos em que esses foram aplicados, se houve ou não alteração em um ou mais dos parâmetros fonológicos (CM, PA, M, Or e ENM) da língua. Se nenhuma alteração foi observada, esses itens são homônimos perfeitos, mas se houve pelo menos uma alteração os itens são homônimos imperfeitos.

Em sua dissertação de mestrado, Charley Pereira Soares faz uma análise sêmica com quinze²³ (15) significantes em Libras para analisar o processo de ambiguidade entre pares

²¹ Segundo Lima, Cruz, *et al.* (2014) os desenhos foram adaptados por Cilene Lima em 2011 do livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais.

²² Segundo Faria-Nascimento (2003, p. 79, nota), Willian Stokoe (1960) foi o primeiro estudioso a usar o termo “querema” nos estudos das unidades mínimas da ASL. O fato de o principal articulador ser a mão, Stokoe defendia que a ciência responsável neste tipo de estudo das LS, deveria ser a “quirolgia”. Mas, com o crescimento dos estudos linguísticos da ASL, ele e outros pesquisadores adotaram o termo fonologia e fonema, pois segundo eles, o mesmo termo usado nas línguas orais deveria ser usado também nas LS, para que as comparações entre elas fossem percebidas.

²³ Os sinais foram: sábado/laranja, rápido/pão, direito/deficiência, política/discussão, adotar/lucrar, faltar/enganar, boi/fazenda, CAS/constituição, respeito/obedecer, lembrar/história, mãe/biscoito, Bahia/sentir/jeito, central/capital/em cima e efetivo/campeonato (SOARES, 2013, p. 68-121).

homônimos. Os pares analisados estão entre parênteses. Para exemplificar como foi feita a análise será usado dois pares lexicais dentre os 15 analisados pelo autor, são esses “PÃO/RÁPIDO” e “FALTAR/ENGANAR”:

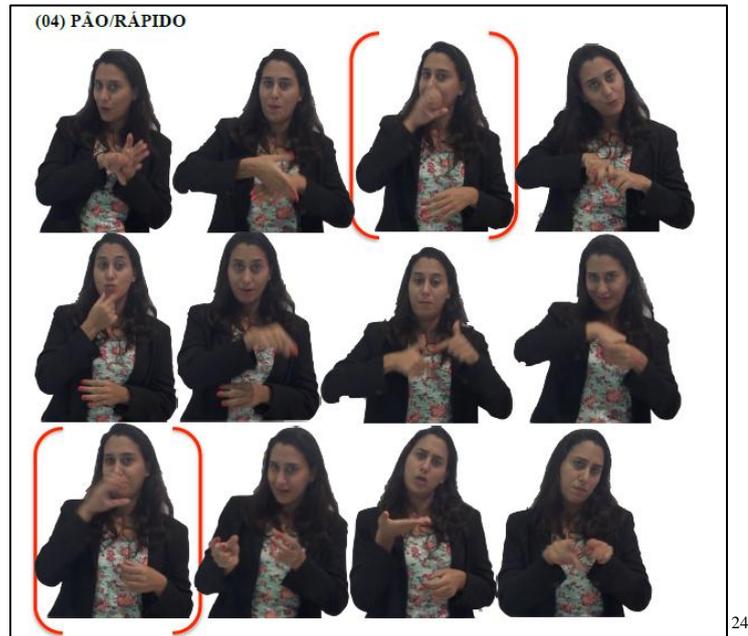


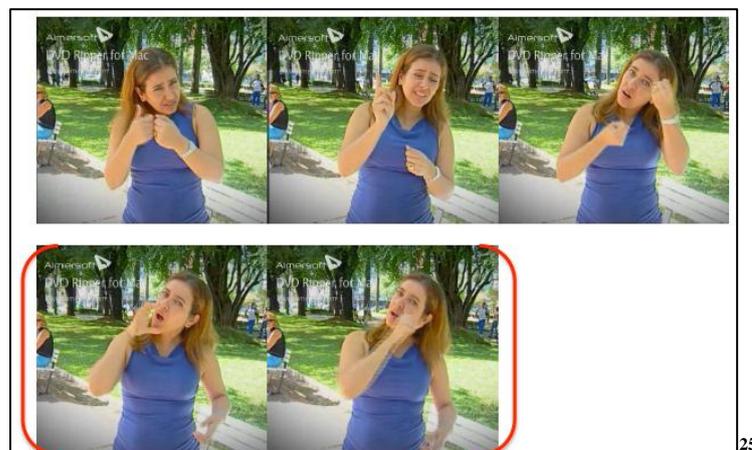
Figura 14 - Sinal em Libras para PÃO.

Fonte: (SOARES, 2013, p. 81)

O significante selecionado na **Figura 14** foi aplicado no contexto alimento. A tradução em Libras e em LP da imagem segundo Soares (2013, p. 82) são:

Libras: CHEGAR, ENTRAR PÃO, SENTAR, HOMEM ELE TRABALHA DENTRO PÃO, VENDER GARÇON TAMBÉM.

Português: Cheguei, entrei na padaria, sentei, e o homem que trabalha na padaria é vendedor e garçom.



²⁴ Segundo Soares (2013) o vídeo que deu origem ao recorte foi cedido pelo próprio sinalizante.

²⁵ Segundo Soares (2013), o vídeo usado como base para o recorte da imagem foi uma produção independente do CAS de Belo horizonte, sinalizado por um membro da comunidade surda.

Figura 15 - Sinal em Libras RÁPIDO

Fonte: (SOARES, 2013, p. 82)

Segundo Soares (2013, p. 82), a tradução da **Figura 15** em Libras e em português é:

Libras: <ONIBUS>qu NÃO, <CARRO>top RÁPIDO.

Português: De ônibus? Não, de carro, pois é rápido!

Ao analisar os dois sinais, Soares (2013) percebe a ambiguidade entre esses itens lexicais e explica que pode não haver um entendimento claro dos seus significados. O autor diz que o significante analisado é mais usado com a acepção de velocidade e não com a acepção de alimento. Os parâmetros (CM, M, PA, Or) são iguais, mas há “[...] uma pequena possibilidade de distinção entre eles, uma vez que o parâmetro ENM costuma ser alterado em RÁPIDO a partir de se levantar as sobrancelhas”, neste caso a distinção de um dos parâmetros fonológicos provou que o par é homônimo, mas do tipo imperfeito.



Figura 16 - Sinal em Libras FALTAR

Fonte: (SOARES, 2013, p. 78,79)

Segundo Soares (2013, p. 79), a tradução da **Figura 16** em Libras e em português é:

Libras: <AGUARDAR>top POR FAVOR NÃO FALTAR TAMBÉM EVITAR
ATRASAR VOCÊ <IMPORTANTE>top

Português: Mas por favor, não falte e nem atrase, pois é importante.

²⁶ Segundo Soares (2013), o vídeo que deu base para o recorte da figura foi retirado de um DVD Libras em contexto CAS- BH.

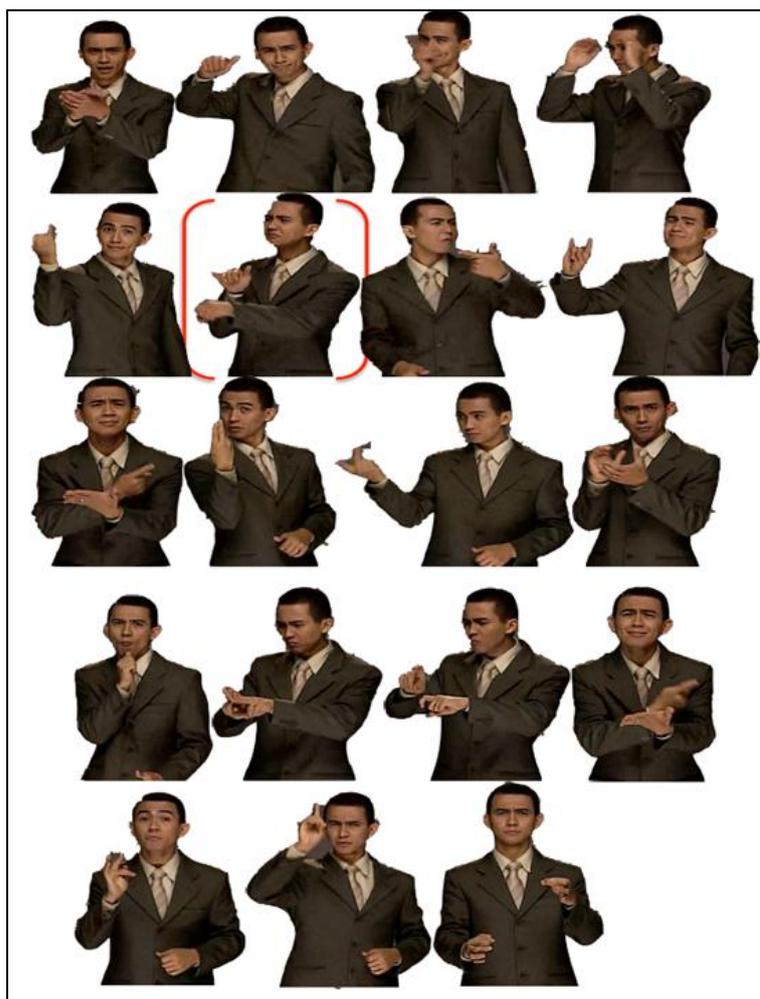


Figura 17 - Sinal ENGANAR em Libras

Fonte: (SOARES, 2013, p. 79,80)

Segundo Soares (2013, p. 80), a tradução da **Figura 17** em Libras e em português é:

Libras: CASAR <INFERIOR>qu NÃO, <OBEDECERa>do IMPORTANTE <ENGANARa>do OUTRO TRAIR ERRADO OU NÓS-DOIS CASAR <AINDANÃO> neg <DEITAR-DOISa>do <SEXOa>do ERRADO FUTURO DEUS JUSTIÇA.

Português: O Casamento não é banal. A fidelidade ao cônjuge é importante. O adultério é errado, e caso um casal tenha relação sexual sem se casar, no futuro deverão prestar contas a Deus.

Soares (2013, p. 80) explica que o significante faltar ilustrado na **Figura 16**, está sendo usado com o sentido de “ausência de pessoas” do verbo faltar, pois “Há em LSB pelo menos três significantes para o significado faltar. [...] a falta de objetos ou a falta (ausência) escolar são [...] significantes diferentes”.

²⁷ Segundo Soares (2013, p. 80) o vídeo que serviu como base para o recorte da imagem, foi retirado do site das Testemunhas de Jeová, disponível em: <http://www.jw.org/apps/index.html?option=QrYQFVTrlBBX&selLang=LSB&selPub=732>. Título: Mantenha-se no Amor de Deus.

Na **Figura 17**, o significante é usado com o conceito do verbo enganar e segundo Soares (2013), nesse contexto este significante é menos utilizado. Este fato gerou uma dúvida se seria realmente uma homonímia, mas ao detectar que os contextos realmente eram diferentes, Soares (2013) constatou que se tratava de um par homônimo, mas agora do tipo perfeito, pois não percebeu nenhuma alteração de nenhuma unidade fonológica.

1.3.1.2.2.4 A polissemia na Libras – Sinais iguais e significados relacionados

Assim como nas LO, a identificação da polissemia nas LS não é uma tarefa fácil, sendo o contexto de uso um aliado muito importante (LYONS, 1987). Mas, as análises usadas nas línguas orais auditivas são usadas da mesma forma para as visuo-espaciais visando detectar as relações polissêmicas entre pares de sinais. Segundo Bidarra e Martins (2012, p. 9), pode-se identificar a polissemia entre dois itens lexicais em Libras quando há coincidência entre “[...] seus parâmetros, mesmo que apresentem significados ou sentidos distintos mantêm relações semânticas entre si”. Ao analisar os problemas enfrentados pelo Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS) durante o processo tradutório com itens lexicais ambíguos, homônimos ou polissêmicos, Bidarra e Martins (2012) mostram alguns sinais em que pode ocorrer a polissemia:

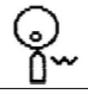
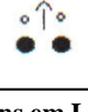
Sinal em LIBRAS COM relação semântica entre si	Escrita do Sinal	Respectivos significados em Libras e Português
(01) 		Saúde Sadio Saudável
(02) 		Comer Alimentar-se Ingerir Alimento
(03) 		Educação Ensinar

Figura 18 - Quadro com itens em Libras polissêmicos

Fonte: (BIDARRA e MARTINS, 2012, p. 9)

A **Figura 18** traz o exemplo de três itens lexicais polissêmicos na Libras. O sinal (01) que pode significar (saúde, sadio e saudável), o (02) que pode significar (comer, alimentar-se, ingerir e alimento) e o (03) que pode significar (ensinar e educação). Ao levantar uma hipótese de como um TILS faria a tradução da frase em LP: “Ingerir alimento saudável, ajuda a preservar a saúde”, com dois sinais polissêmicos, Bidarra e Martins (2012, p. 9) faz algumas

considerações de como a tradução deveria ser feita para que a mensagem seja bem compreendida pelo interlocutor Surdo. A **Figura 19** mostra a frase em Libras:

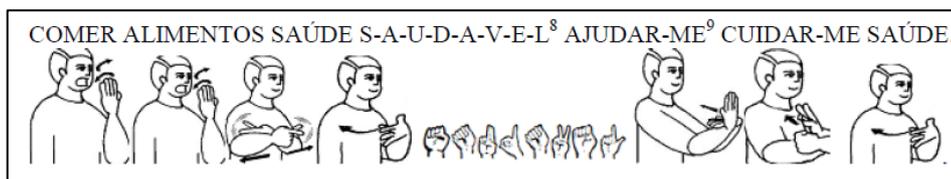


Figura 19 - Tradução em Libras da frase "ingerir alimento saudável, ajuda a preservar a saúde".

Fonte: (BIDARRA e MARTINS, 2012, p. 10)

Segundo Bidarra e Martins (2012), algumas estratégias podem ser usadas no processo tradutório:

Para diferenciar o verbo COMER do substantivo ALIMENTO [...] foi necessário [...] acréscimo do sinal COISAS/VÁRIOS [...] a informação passou de *alimento* para *alimentos*. Outra estratégia [...] é utilizar o sinal de soletração datilológica da palavra ouvida em português, para *saudável* faz-se o sinal de SAÚDE e em seguida soletra-se S-A-U-D-Á-V-E-L a fim de desconstruir o que é acionado primeiro no léxico mental do interlocutor Surdo, despertando nele o conceito de saudável [...] (BIDARRA e MARTINS, 2012, p. 10).

Os sinais SEXTA-FEIRA/PEIXE são considerados polissêmicos, mas Bidarra e Martins (2012, p. 10) discordam, pois segundo os autores, entre eles há uma “relação evocativa [...] relacionados por senso comum religioso – Sexta –feira Santa come-se peixe, logo os sinais PEIXE (alimento) e SEXTA-FEIRA são os mesmos”. Fica o questionamento se esses sinais são polissêmicos ou homônimos, se pertencem ou não pertencem ao mesmo campo semântico (BIDARRA e MARTINS, 2012).

Outro par de itens lexicais com essa característica evocativa e considerado como polissêmico são os sinais de SÁBADO/LARANJA. Segundo Bidarra e Martins (2012, p. 10) “Um ou outro foi formado a partir do senso comum, uma vez que, no sábado geralmente serve-se feijoada a qual é acompanhada por laranja, ou ainda pelo fato da laranja ser parte da alimentação após a feijoada”. Os autores questionam a polissemia dos sinais, SEXTA-FEIRA/PEIXE e SÁBADO/LARANJA, pois para eles, esses seriam exemplos de sinais criados com base nas experiências empíricas de seus usuários. Azevedo (2010) apud Bidarra e Martins (2012, p. 11) explica que este fato acontece de forma natural, pois os falantes/sinalizantes de uma língua, com base no seu conhecimento, usam “o sistema de relações” entre os itens lexicais do seu vocabulário para “evocar” outros itens lexicais. E, continua o autor, os Surdos “[...] à medida que “as coisas” passam a ter significado e sentido

[...] ” para eles, usam esses sinais criados empiricamente e os tornam arbitrários, saindo [...] “do crasso²⁸” para serem incorporados à língua.

Com o léxico em mão e com as competências linguísticas para caracterizar as relações semânticas entre eles, os usuários das línguas criam mecanismos para organizar esses itens lexicais, seu patrimônio.

O próximo capítulo explanará sobre como a Lexicologia, a ciência do léxico e Lexicografia, esta última responsável pela organização dos dicionários e glossários, realizam essa importante missão.

1.4 A Lexicologia e a Lexicografia nas línguas naturais

1.4.1 Um “baú” precioso para guardar os tesouros linguísticos das línguas

Todo mundo tem em casa um pequeno baú onde se guarda aquelas lembranças materiais importantes, tais como cartas e fotos de amigos queridos, o primeiro sapatinho dos filhos etc. Todo esse empenho tem um motivo especial, mostrá-los a outros em ocasiões especiais e poder compartilhar a alegria de tê-los. Essa pequena ilustração faz uma analogia à importância dos “guardiões” do léxico de todas as línguas que são os dicionários. Conforme Faulstich (2010, p. 171), a palavra dicionário deriva do latim “*dictionem*”, que significa ação de dizer.

À medida que os povos foram se organizando em comunidades e posteriormente em civilizações, tiveram a necessidade de registrar todos esses signos criados ao longo do tempo. Essa ação era de suma importância, pois isso contribuiria para que as gerações posteriores não perdessem aquele patrimônio cultural. O que antes, segundo Faulstich (2010 p. 167) “era uma lista de palavras”, agora era “a descrição de categorias do saber, que precisavam ser repassadas”. Segundo Biderman (2001, p. 14), esse registro daria suporte para a criação de novos “signos lexicais” que nasciam à proporção que se “tomava consciência” de novas realidades e se “precisava rotular as invenções” desenvolvidas pelas “ciências e técnicas”. Neste momento surgem as ciências do léxico: a Lexicologia e a Lexicografia. As duas ciências têm como principal objeto de estudo o léxico das línguas, entretanto a primeira tem as funções de “estudo e de análise”, bem como “a categorização lexical e a estruturação do léxico” e a segunda é a ciência responsável por estruturar os dicionários, esclarece Biderman

²⁸ Segundo Bidarra e Martins (2012, p. 11), sinais crassos são sinais “não formatados, produzidos por observações empíricas”.

(2001, p. 16-17). Com o passar dos séculos, essas ciências foram se consolidando e se aperfeiçoando nesta arte de registro, pois afirma Faulstich (2010, p. 167), “Se os seres tinham nomes ou recebiam nomes, exigia um registro em papel, uma certificação histórica nos dicionários”. Com o passar dos séculos a lexicografia se transforma e passa a despertar o interesse de muitos linguistas (BIDERMAN, 2001).

Segundo Biderman (2001, p. 17), os primeiros registros lexicográficos da história foram os glossários medievais latinos, que traziam somente palavras que auxiliavam os leitores da época com os “textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação”. Com o progresso científico rápido, fez-se necessário a intensificação desses registros, de início, na Europa, durante os “Séculos XVI e XVII, com os primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna)”. O Brasil demorou quase dois séculos para iniciar seus registros lexicográficos por meio dos dicionários. Os primeiros registros datam do Século XIX, conforme Faulstich (2010, p. 167) com “o Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes e Silva²⁹,” o qual “[...] se dedicou à redação de uma obra ordenada”, que segundo a autora “ainda hoje possibilita ao leitor recompor conceitos da época”.

Nas línguas sinalizadas os primeiros registros lexicográficos datam do século XVII pelo espanhol Juan Pablo Bonet³⁰. Sofiato (2005, p. 14) apud Faria-Nascimento (2009, p. 129) fala sobre o trabalho de Bonet no “livro *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, considerado a primeira obra publicada sobre a metodologia de ensinar uma língua aos surdos e que continha o alfabeto manual”. Segundo Sofiato e Reily (2014, p. 111) a primeira obra lexicográfica do Brasil foi a de Flausino José da Costa Gama, datada de 1875, que recebeu o nome de *Iconographia dos Signaes do Surdos-Mudos* e continha “382 verbetes ilustrados, classificados por meio de indexação semântica e estampas que apresentavam uma descrição verbal correspondente dos verbetes listados, com o intuito de auxiliar o leitor/aprendiz na realização dos sinais propostos”. Flausino foi aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), situado no estado do Rio de Janeiro e teve como referência para a realização da sua obra o dicionário *L'Enseignement Primaire des Sourds-Muets Mis a La Portée de Tout Le Monde Avec Une Iconographie des* em 1856 produzido por um Surdo francês chamado Pierre Pélissier, que lecionou no mesmo Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (SOFIATO, 2011, p. 64-68).

²⁹ Antônio de Moraes e Silva, brasileiro, nascido no estado do Rio de Janeiro e viveu em Portugal, onde se dedicou na escrita da sua obra lexicográfica (FAULSTICH, 2010, p. 167).

³⁰ Juan Pablo Bonet (1579-1633) foi um religioso espanhol considerado o primeiro fonoaudiólogo na história e responsável pelo primeiro método de ensino de línguas para Surdos (ALCAY, 2017).

Segundo Sofiato (2011, p. 79), Flausino da Gama, que era desenhista, usou a obra do francês e “se apropriou de todos os elementos expressos na obra de Pélissier [...]” caracterizando conforme Sofiato e Reily (2014, p. 111), “uma cópia direta” do trabalho de Pélissier. Segundo Hallewell (1985, p. 171) apud Sofiato (2011, p. 60), apesar de isso ser considerado crime no Império, conforme o artigo 261 do Código Criminal do Império, contudo a lei não era aplicada, pois segundo a autora, “não passava de letra morta”, pois no âmbito artístico era considerado como parte do processo de aprendizagem do artista (SOFIATO, 2011, p. 59).

1.4.2 Desvendando os dicionários e glossários

As três principais classificações dadas aos dicionários são: monolíngue, bilíngue e semibilíngue. Faulstich (2010, p. 174) esclarece que essas dizem respeito ao “conteúdo que apresentam em função do público-alvo[...]”. Os monolíngues, como o próprio nome já diz, a palavra de uma língua é definida usando ela mesma e os bilíngues usam para definir a palavra uma língua ou um dialeto diferente dela (FAULSTICH, 2010, p. 174).

Duran e Xatara (2005, p. 49) apud Nascimento (2016, p. 68) apresentam a terceira classificação, a semibilíngue, onde segundo as autoras a “sua principal característica consiste em exibir a entrada e a metalinguagem³¹, definições e exemplos, em língua estrangeira e a língua materna aparece apenas nos equivalentes”. Portanto, nos dicionários semibilíngues, somente a palavra-entrada é na L1 do consulente³², neste caso na Libras e a definição apresenta-se na sua língua-alvo, isto é na LP (FAULSTICH, 2006 apud NASCIMENTO, 2016. p. 68).

Os dicionários são formados da macroestrutura e da microestrutura. A macroestrutura, segundo Faulstich (2010, p 169), “envolve o conjunto da obra”, composto da introdução, dos anexos, das informações básicas sobre os autores, da equipe responsável pela coleta dos dados, da época que foi escrito, da bibliografia e, “por vezes”, dos mapas, que auxiliam no entendimento de alguns verbetes. Segundo Rey-Debove (1971, p. 21) apud Welker (2004, p. 107), a microestrutura é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”, mas deve ser “organizada de forma constante, isto é, igual, padronizada”. Barbosa (1996, p. 266) apud Welker (2004, p. 107) explica que a microestrutura corresponde “[...] a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. Denominamos ‘verbetes’ esse conjunto de *Entrada + Enunciado Lexicográfico*”. Hausmann e Wiegand

³¹ Metalinguagem é a estratégia usada por uma língua para explicar sobre ela mesma.

³² O termo consulente se refere à pessoa que está consultando o glossário ou o dicionário

(1989, p. 341) apud Welker (2004, p. 108) descrevem as informações principais que devem constar em um verbete:

- Informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronuncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- Informação que identifique o lema na diacronia (etimologia);
- marcas de uso;
- informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- informação sintagmática (construção, colocação, exemplos),
- informação paradigmática (sinônimos, antônimos etc.);
- vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);
- observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- ilustrações (desenhos, gráficos);
- elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- remissões;
- símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições) (HAUSMANN e WIEGAND 1989, p. 341 apud WELKER 2004, p. 108).

A quantidade de entradas também é uma característica importante para caracterizar um dicionário. Segundo Faulstich (2010, p. 178), ele “compila uma grande quantidade de termos”. Para Biderman (2001, p. 18), um dicionário do tipo padrão há “em torno de 50.000 palavras”.

Os glossários são mais objetivos, contêm uma quantidade menor de palavras. Faulstich (2010 p. 178) apud Nascimento (2016, p. 68), explica as principais características desse tipo de obra lexicográfica:

[...] conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo. [...] o glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas, **com vistas a melhorar o desempenho linguístico** e a aperfeiçoar o conhecimento profissional (FAULSTICH, 2010, p. 178 apud NASCIMENTO, 2016, p. 68, grifo nosso).

Portanto, pode-se afirmar que um glossário contribui para melhorar o desempenho linguístico de um aprendiz de L2 numa situação comunicativa, por auxiliar na escolha do léxico correto para o contexto a ser aplicado.

1.4.3 Os glossários de Libras como ferramenta de consulta

Os glossários têm grande importância no aprendizado de uma L2, pois auxiliam o aprendiz a entender o sentido do léxico e a usá-lo tanto na escrita bem como no uso oral ou sinalizado (FAULSTICH, 2010).

Segundo Brasil (2002), a Libras foi reconhecida como uma forma de comunicação e expressão de modalidade visual-motora, com sua gramática própria e com a capacidade de transmitir ideias e fatos e que é própria da comunidade surda de pessoas do Brasil e desde

então muitos linguistas voltaram-se para aprofundar os estudos nesta língua. Três anos depois, em 2005, a mencionada lei é regulamentada pelo decreto nº 5.626, garantindo aos indivíduos Surdos a presença de um profissional tradutor-intérprete nas salas de aulas e em instituições públicas. A obrigatoriedade da disciplina de Libras como disciplina curricular estendeu-se para os cursos de licenciatura, pedagogia e fonoaudiologia tanto nas instituições públicas de ensino superior, quanto nas de iniciativa privada, bem como a ofertas de cursos de Libras em todos os três níveis (básico, intermediário e avançado). Esse status de língua fez com que muitos se interessassem não somente pelo seu aprendizado, mas também muitos linguistas buscaram aprimorar suas pesquisas relacionadas à sua gramática e iniciaram seus esforços para organização de obras lexicográficas da língua. Faria-Nascimento (2009, p. 129) corrobora esse pensamento quando explica que:

Toda língua precisa de um dicionário. É por meio do dicionário que uma língua se tecnologiza³³. [...] É preciso desbravar o ‘nicho’ dos repertórios lexicográficos com línguas de sinais e **aprimorar os trabalhos já existentes para que atendam efetivamente aos propósitos educacionais**, tanto para o ensino de língua de sinais como primeira ou segunda língua, quanto para o ensino do português como segunda língua para os falantes de língua de sinais (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 129, grifo nosso).

A constatação de Lavoisier³⁴ de que “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” e que depois veio a ser aceito por toda a comunidade científica como o Princípio de Conservação da Massa, é oportuna também na interpretação do aprimoramento de obras lexicográficas já existentes. Conforme já exposto anteriormente por Sandra Patrícia Faria do Nascimento, tudo que já está pronto até aqui pode ser também melhorado para que ajude no aprendizado dos dois públicos-alvo, como explicou a autora. Ainda há alguns aspectos enumerados por Tuxi (2017, p. 92) que podem justificar o aumento das pesquisas e produção dos glossários e dicionários em Libras:

i) reflexo da política linguística da língua de sinais, que está em constante movimento de validação social no Brasil; ii) lacuna lexical e terminológica na esfera do discurso comum e de especialidade em, LSB, principalmente nos ambientes educacionais, de segurança e de saúde; iii) escassez de materiais específicos e estruturados para consulta em LS; e, iv) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área de Lexicologia e Terminologia (TUXI, 2017, p. 92).

O glossário que demonstrou grande interesse em mostrar o sentido correto quando da aplicação do sinal e que teve grande relevância entre a comunidade Surda no Brasil, foi o do

³³ Segundo a autora Faria-Nascimento a palavra foi anotada durante as aulas com sua orientadora Professora Dra. Enilde Faulstich.

³⁴ Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794) foi um químico francês que em 1773 provou o Princípio da conservação das Massas e constatou que “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” (PINCELI).

Padre Eugênio Oates. Segundo Tuxi (2017, p. 100), esta obra tinha como objetivo “[...] auxiliar os surdos nas trocas de comunicação com a população majoritariamente ouvinte, principalmente nas áreas de educação e religião”. A primeira edição foi impressa em 1969, trazia o nome de Linguagem das mãos³⁵ e a segunda em 2014 com adaptações e atualizações de Simone Vecchio. Na **Figura 20**, Tuxi (2017, p. 101), apresenta em sua tese de doutorado uma análise da constituição do verbete “vigiar” nesta obra.

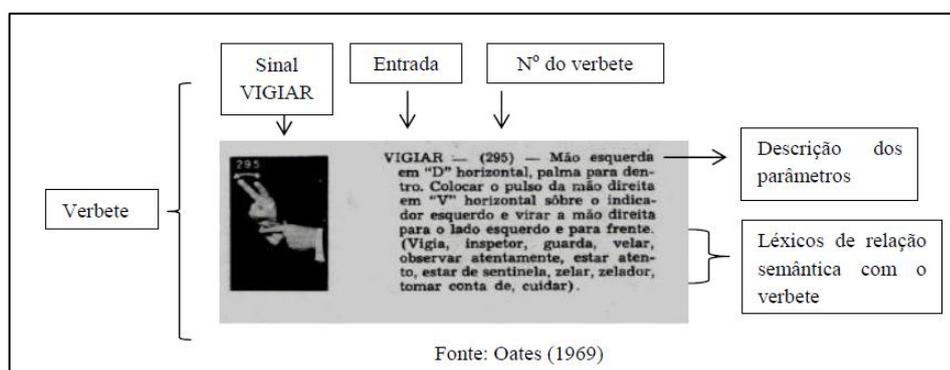


Figura 20 – O sinal VIGIAR na 1ª versão de 1969

Fonte: Tuxi (2017, p. 101)

A segunda versão do dicionário descontinuou incluir no verbete a relação de léxicos usados para explicar o sentido em que o sinal poderia ser aplicado numa situação comunicativa, conforme mostra a **Figura 21**:

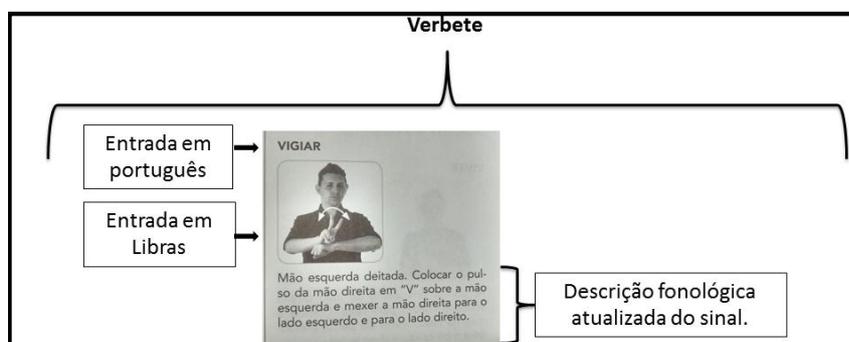


Figura 21 – O Sinal VIGIAR na 2ª versão de 2014

Fonte: OATES (2017, p. 77)/Organização Pessoal.

A descrição da constituição do verbete foi descrito da seguinte forma pela revisora da obra original:

[...] mantém o mesmo padrão das edições antigas de Oates, em que temos a foto do sinal seguida de sua descrição, feita de maneira simples, facilitando o aprendizado de qualquer pessoa, estudiosa ou leiga, que se interesse por Libras (OATES, 2017, p. 5).

³⁵ Em 2014 a obra foi atualizada por Simone Vecchio, que fez algumas atualizações e adaptações, inclusive no título que agora se chama “Língua das mãos”. O padre Eugênio Oates (1915-2012), era americano e veio para o Brasil em 1946, concentrando o seu trabalho na região norte do País (OATES, 2017, p. 5,9).

Mas a análise contrastiva mostrou que a informação do sentido foi retirada com a atualização da obra lexicográfica, mostrando somente o sinal “solto” sem sua contextualização, que com certeza não facilitará em nada para um aprendiz de L2.

Outro exemplo de obra lexicográfica que contribuiu para o progresso lexicográfico do léxico da Libras foi o criado para o Curso de Letras Libras, ofertado no ano de 2006 pela Universidade de Santa Catarina (UFSC), em vários pólos, em Universidades Federais em todo país. Nascimento (2016, p. 66) descreve essa importante obra:

O Glossário de Libras da UFSC é uma obra lexicográfica relevante para a LSB, não só pela tecnologia usada, como também pela funcionalidade da obra. O site apresenta glossários de três áreas: Letras Libras, Arquitetura e Cinema, e está disponível em <http://www.glossario.libras.ufsc.br> O material tem três opções de busca: pelo sinal, pelo Português e pelo Inglês. A busca pelo sinal pode ser realizada por meio dos parâmetros configuração de mão e locação. [...] A microestrutura do verbete é composta pelo sinal, pela definição em LSB e exemplo de uso do sinal e suas variações, esta última, quando houver. Ademais, é mostrado no verbete o termo em LP e em Inglês (NASCIMENTO, 2016, p. 66).

Como foi supracitado por Nascimento (2016, p. 66), o Glossário da UFSC traz uma aba de contextualização do sinal empregado, que passa para o consulente segurança ao fazer uso do sinal numa situação comunicativa.

Outro exemplo de Glossário em LSB que mostra também a importância do contexto foi o do GLOSSNUTRI realizado por Vilma Rodrigues Cardoso da Universidade de Brasília (UnB) para aquisição do título de Mestre em Estudos da Tradução. O verbete é composto de “três abas informativas: sinal, exemplo de uso e a descrição fonológica dos sinais-termo” (CARDOSO, 2017, p. 114).

Na aba “exemplo de uso”, conforme explica Cardoso (2017, p. 115), há “ um vídeo sinalizado com um exemplo do verbete numa situação comunicativa seguida abaixo da tradução em português. A **Figura 22** retirada da dissertação da autora mostra a visualização da microestrutura do glossário:

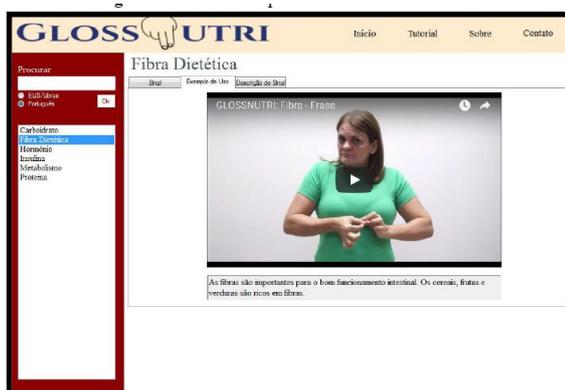


Figura 22 - Aba exemplo de uso do GLOSSNUTRI
Fonte: (CARDOSO, 2017, p. 115)

Essa pequena retrospectiva de alguns exemplos de obras lexicográficas mostra que ao longo dos anos vários avanços são perceptíveis. Mas não se pode deixar de pontuar que as iniciativas de organizar o léxico em Libras que começaram com Flausino no século XIX até os dias de hoje são positivas, visto que a língua está em expansão e tem tão pouco tempo, desde seu reconhecimento no ano de 2002. Entretanto, a maioria desses compêndios lexicográficos é realizada pela iniciativa de profissionais que desconhecem os conceitos importantes relacionados à Lexicologia e a Lexicografia, que possibilitariam compor obras mais funcionais para os usuários de LSB como L1 e L2. Este fato é explicado por Tuxi (2017, p. 103) quando diz que “A falta de regras na forma de registro, assim como a organização das obras em LS ocorre, principalmente, pelo fato de não serem produzidas por Lexicógrafos ou Terminógrafos”.

Zwiterloo (2010, p. 444-445) apud Nascimento (2016, p. 48) explica a urgência de “os lexicógrafos das línguas de sinais [...] superar o legado de uma tradição de compilação inadequada dos dicionários de línguas de sinais criados por não profissionais”. Johnston (2003) citado por Zwiterlood (2010, p. 445) apud Nascimento (2016, p. 73) explica que:

Nesta tradição da lexicografia das línguas de sinais, têm sido criados “dicionários” que são apenas listas de palavras bilíngues. A maioria dos materiais contém um conjunto de palavras escritas da língua oral e possui um desenho ou uma foto do sinal correspondente à palavra da LO (JOHNSTON, 2003 apud ZWITERLOOD, 2010, p. 445 apud NASCIMENTO, 2016, p. 73).

Com base nas análises dos glossários realizados até então neste trabalho, percebe-se que muitas obras lexicográficas são feitas por profissionais não qualificados e fora da área da Lexicografia e os poucos exemplos que usam o contexto de uso nas microestruturas dos verbetes, somente o exemplificam numa frase. A maioria dos glossários é de traduções dos termos da LO para LS. Há carência ainda em criar glossários que mostrem as diferenças de uso de um sinal polissêmico em contextos diferentes. Os fenômenos semânticos ocorrem na LS da mesma forma que ocorrem na LO. A proposta deste trabalho almeja montar um modelo de glossário que tenha a semântica em evidência e ajude o consulente Surdo, usuário da Libras como L1 e o consulente ouvinte seu usuário como L2.

O próximo capítulo, o metodológico, descreve os passos realizados para a confecção da proposta de um glossário de contexto de sinais da Libras.

2 CAPÍTULO METODOLÓGICO

Neste capítulo descreve-se toda a metodologia usada para a criação da proposta de um glossário de sinais ambíguos da Libras, que consistiu em cinco etapas. A primeira apresenta um breve histórico do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES desde a sua idealização no ano de 1997 até chegar à versão 3.0 de 2011, escolhida para o *corpus*; a segunda descreve os passos metodológicos usados durante o processo de coleta; a terceira, o apoio de um usuário de Libras para auxiliar durante a sinalização e a quarta e última, o laboratório usado para as filmagens.

A natureza metodológica caracteriza-se como comparativa, pois segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 107) essa permite “analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais”; a técnica usada é de observação direta extensiva do tipo de análise de conteúdo, pois fará levantamento dos dados (*corpus*), de uma fonte bibliográfica específica, em busca de um fenômeno específico. As mesmas autoras esclarecem que esse tipo de técnica científica tem como objetivo fazer uma análise “objetiva e quantitativa do conteúdo” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 223).

2.1 O Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES

A fonte para a coleta dos dados foi o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES/RJ. A justificativa para a escolha da obra para a coleta dos dados, veio do fato de o Instituto, responsável pela organização da obra, ser referência nacional em educação de Surdos e também estar envolvido nos estudos linguísticos da Libras, portanto constituiu uma fonte segura de pesquisa.

A ideia do Dicionário do INES nasceu no ano de 1997 com o projeto “O Surdo e o mundo”, no qual os alunos do instituto foram apresentados à Rede Mundial de Computadores, a internet. Segundo o INES (2014), “Esses alunos utilizavam três salas virtuais de conversação (CHATS), segmentadas por faixa etária, disponibilizadas na rede interna do instituto”. A equipe de implantação percebeu que eles demonstravam muita facilidade com as novas tecnologias, mas tinham “grande defasagem na aquisição da língua portuguesa [...] o internauta anônimo se deparava com uma barreira linguística impenetrável” (INES, 2014).

A solução adotada pelo Instituto durante os dois anos que se seguiram foi da criação de um vocabulário português X Libras, no qual o consulente Surdo pudesse tirar dúvidas dos significados consultando por meio da LP ou por meio da Libras. A primeira versão chamada

de Vocabulário Digital de Libras surgiu em 1999 e era disponibilizada pela rede de computadores interna do INES (Intranet), mas interligado com a internet. Segundo o INES (2014), essa primeira versão continha “cerca de 1000 sinais, em forma de vídeos digitais, correspondendo a palavras em português, cadastrados em um banco de dados integrado com a *internet*”.

Segundo o INES (2014), três meses depois do lançamento, a grande quantidade de acessos despertou a equipe de organizadores³⁶ a pensar na próxima versão e na “inclusão de novos sinais, representando outras palavras, sinônimos regionais, verbos, pronomes etc.” Essa nova demanda impulsionou o projeto a evoluir de um vocabulário para um dicionário:

[...] organizado metodologicamente por especialistas surdos, filólogos e linguistas, entre outros, para servir como uma nova fonte de consulta mais rica para o surdo, alunos surdos, pais e professores de surdos, especialistas e para a comunidade em geral, tendo como base a experiência acumulada no desenvolvimento do vocabulário digital e apoiada na estrutura montada pelo Centro de Referência do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES, 2014).

De acordo com o INES (2014), no ano 2000 o projeto foi aprovado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE – MEC) com apoio da Secretaria de Educação Especial (SEESP) e a sua primeira versão 1.0 foi lançada em 2001, a segunda versão 2.0 em 2005, a terceira 2.1 em 2008 e atualmente se encontra na quarta versão 3.0 de 2011.

O acesso é realizado de duas formas. A primeira, na página institucional do INES por meio do botão chamado “Dicionário de Libras” localizado na lateral direita da página da, conforme mostra a **Figura 23**:



Figura 23 - O acesso do Dicionário de Língua Brasileira de Sinais pelo site do INES
<http://www.ines.gov.br/>

A **Figura 24** mostra a versão 2.0 de 2005, a segunda versão do dicionário, que por sua vez, por meio de um botão no canto inferior esquerdo dá acesso a atual versão em uso 3.0 de 2011. Para melhor visualização, a imagem foi destacada:

³⁶ Segundo o INES (2014), a equipe de pesquisadores, foi “constituída por especialistas da área de educação especial, professores, engenheiros, administradores de empresas, arquitetos, desenhistas industriais, analistas de sistemas, web designers e jornalistas [...]”, dos quais faziam parte Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza, conhecidos por suas pesquisas na LSB.



Figura 24 – O acesso depois do Botão "Dicionário de Libras"

Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm. Acesso 22/06/2018

A segunda forma de acesso a versão 3.0 de 2011 do dicionário é por meio do endereço eletrônico <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/> ou <http://www.acesso brasil.org.br>

O dicionário continua em processo de atualização conforme consta em aviso na tela principal da obra, entretanto há um botão que dá acesso à versão mais recente da obra, chamado “Dicionário Libras (Versão 3)” a qual foi escolhida para a coleta dos dados. Esse botão leva o consulente a tela da **Figura 25**, onde há três formas de pesquisas do sinal da Libras:

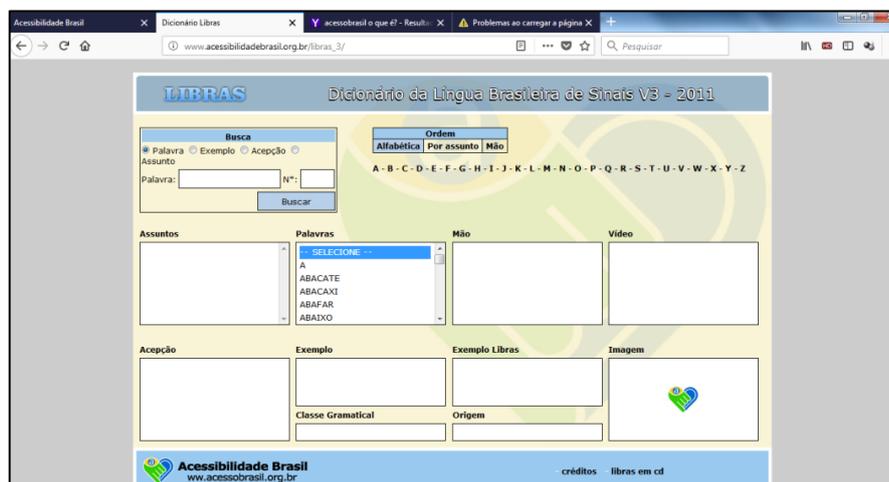


Figura 25 - Tela principal de busca ao termo

Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em 22/06/2018 e 08/11/2018

As três formas de busca do sinal, conforme mostrado na **Figura 26**, são: (a) alfabética; a segunda (b) tem a busca dos sinais por assunto, contendo vinte e uma categorias, que vão desde alimentos/bebidas até vestuário/complementos; e a terceira categoria na qual (c) a busca é em Libras realizada tendo como base o parâmetro Configuração de Mão (CM).

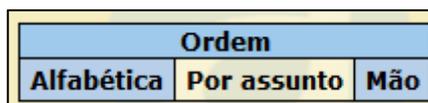


Figura 26 - Botão para a escolha do tipo de seleção

Fonte: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/>. Acesso em 22/06/2018

Na ordem de busca “mão”, o dicionário contém setenta e três grupos de configurações de mão, conforme a **Figura 27**:

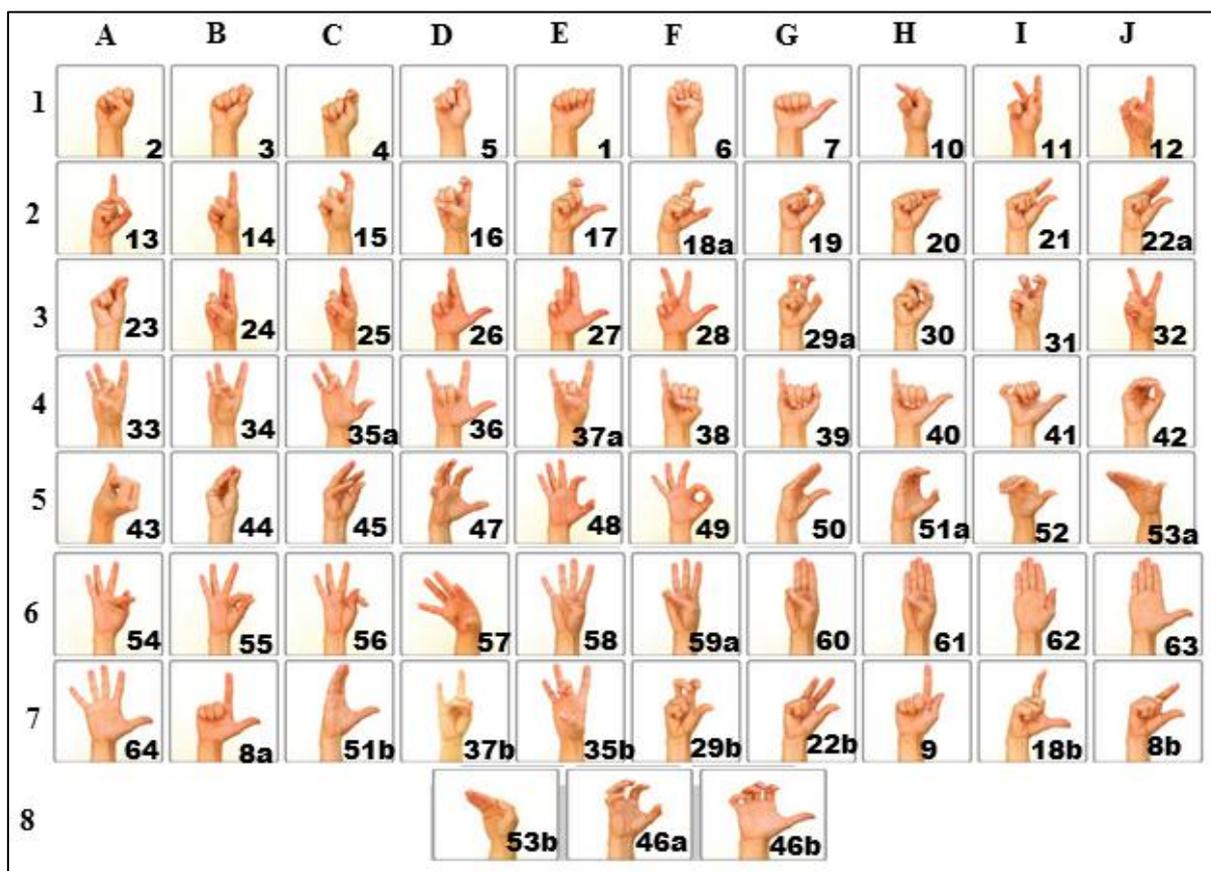


Figura 27 - Tabela de Configuração de Mão

Fonte: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/>. Acesso em 22/06/2018

Em virtude da grande quantidade de grupos de configuração de mão e também o fato de não saber a quantidade exata em cada grupo, houve a necessidade de delimitar a quantidade de grupos que seriam usados para a composição do *corpus*, restringindo a coleta a apenas um grupo. A escolha do grupo foi de ordem numérica, escolhemos a primeira posição do grupo na tabela, assim foi selecionada a posição 1A da tabela de configuração de mão que se refere ao grupo número dois. Essa posição 1A foi o resultado da criação da tabela da **Figura 27** por meio de dois programas básicos da *Microsoft*, o *Power Point* do pacote *Office 2010* e o *Paint* do sistema operacional *Windows 7* juntamente com auxílio da técnica de captura de tela por meio da tecla *PRTSCSYSRQ* do notebook. O *Excel*, que associa linha (número) *versus* coluna (alfabeto) foi usado como base para a sua criação.

Todos os sinais que estavam no grupo 2 foram organizados numa tabela³⁷ com os quatrocentos e trinta e sete sinais.

2.2 A coleta do *corpus*

A escolha dos sinais para a composição do *corpus* foi baseada nos sinais do léxico comum, escolhidos em pares ou trios e o objetivo era a busca de sinais que tivessem os parâmetros fonológicos articulados idênticos ou com poucas diferenças. O parâmetro ENM não foi usado como critério de busca, pois visualmente não havia como identificar traços distintivos no sinalizante usados no dicionário, necessitando de *softwares* para essa análise mais minuciosa, os quais não estavam disponíveis durante a pesquisa, sendo usado somente os quatro parâmetros restantes CM, M, Or e PA.

A sequência da organização do *corpus* foi realizada por meio de tabelas da seguinte forma: (a)³⁸ uma com os vinte e seis sinais coletados dos quais foram sete duplas e 4 trios; (b)³⁹ uma com as respectivas classes gramaticais, assuntos e acepções do próprio dicionário; (c)⁴⁰ uma com as frases do próprio dicionário, tanto em português como sua glosa em Libras.

Para exemplificar a sequência da busca dos sinais da Libras foi escolhido o sinal: ABRAÇO.

Após a localização do grupo 2 na posição 1 da tabela de grupos de configuração de mão do dicionário, conforme exemplificado na **Figura 28**, a busca pela palavra em português era feita e o consulente era direcionado a próxima tela, conforme é exemplificado na **Figura 29**:



Figura 28 - Configuração grupo dois posição 2

Fonte: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/>. Acesso em 22/06/2018

³⁷ A referida tabela encontra-se no **APÊNDICE A**.

³⁸ A referida tabela encontra-se no **APÊNDICE B**.

³⁹ A referida tabela encontra-se no **APÊNDICE C**.

⁴⁰ A referida tabela encontra-se no **APÊNDICE D**.



Figura 29 - Busca do sinal já previamente escolhido

Fonte: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/>. Acesso em 22/06/2018

Todos os sinais selecionados foram coletados dentro do próprio site, através de uma técnica chamada *captura de tela* usando o programa *Movavi Vídeo Suite 16* da empresa *Movavi Software Limited*, conforme a **Figura 30**. O *software* é um editor de vídeo profissional com várias ferramentas e técnicas para edição de vídeos, de fotos e de áudio, além de realizar conversão tanto de áudio e como de vídeo. O *software* possui uma ferramenta de gravação da tela do próprio computador, a qual foi crucial para a coleta do *corpus*.



Figura 30 - Tela principal do Movavi Vídeo Suite 16

Fonte: Programa instalado em computador pessoal.

Cada sinal capturado era salvo em formato de vídeo com extensão mp4 e armazenado em pasta eletrônica devidamente identificada no Disco Rígido do Computador Portátil, na pasta: D:\UNB\LSB PSL\7º SEMESTRE\TCC\TCC - PROJETO\ 3-ANÁLISE DOS DADOS \ VÍDEOS DOS SINAIS AMBÍGUOS. A mostra **Figura 31** a organização dos sinais coletados na pasta no computador portátil:

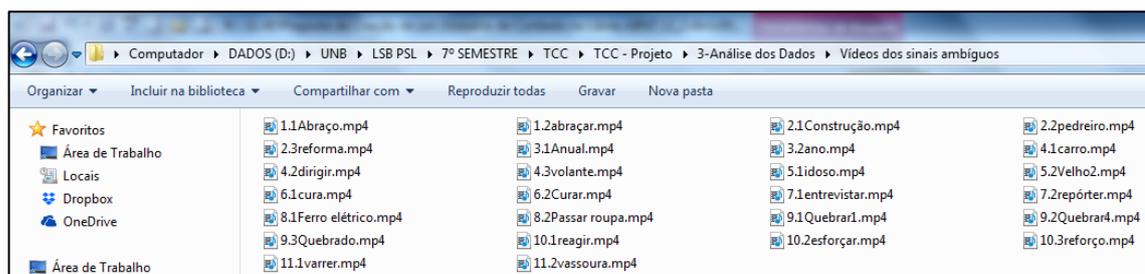


Figura 31 - Pasta onde estão guardados os sinais coletados

Fonte: computador pessoal

O armazenamento dos vídeos também foi feito no *Youtube*⁴¹ por meio do canal Telma Cedraz TCC UnB criado a partir do e-mail tcctelmacedraz@gmail.com, conforme mostra a **Figura 32**. Os vinte e seis sinais foram postados no canal e suas respectivas imagens QR Code⁴² geradas, foram organizadas em uma planilha⁴³. Os códigos, as descrições fonológicas desses sinais, e as acepções encontradas no dicionário compuseram a ficha comparativa de análises da ambiguidade, com o objetivo de classificá-los em homônimos ou polissêmicos.

⁴¹ Segundo Tiago Dantas do site Brasil Escola, a palavra “*Youtube*”, veio da junção de dois termos do Inglês, “*You*” que significa você e “*tube*”, que vem de uma gíria que significa “televisão”. A plataforma digital surgiu para resolver um problema que havia no momento de compartilhar vídeos anexados nos e-mails, pelo fato desses arquivos serem grandes demais e os servidores não os aceitavam. Em 2005, dois funcionários de uma empresa americana, Chad Hurley e Steve Chen, criaram a plataforma do *Youtube*.

⁴² Segundo Pass (2011) do site G1 e Significados.com.br, o QR Code é um código 2D e pode ser escaneado pela maioria dos computadores que têm câmeras fotográficas. A sigla QR vem do inglês, “Quick Response”, que significa “resposta rápida” e foi “criado pela empresa japonesa Denso-Wave em 1994 para identificar peças na indústria automobilística”. Desde 2003 essa tecnologia é usada nos telefones celulares para adicionar dados, que “após a decodificação, passa a ser um trecho de texto, um link e/ou um link que irá redirecionar o acesso ao conteúdo publicado em algum site”.

⁴³ A referida tabela encontra-se no APÊNDICE E.

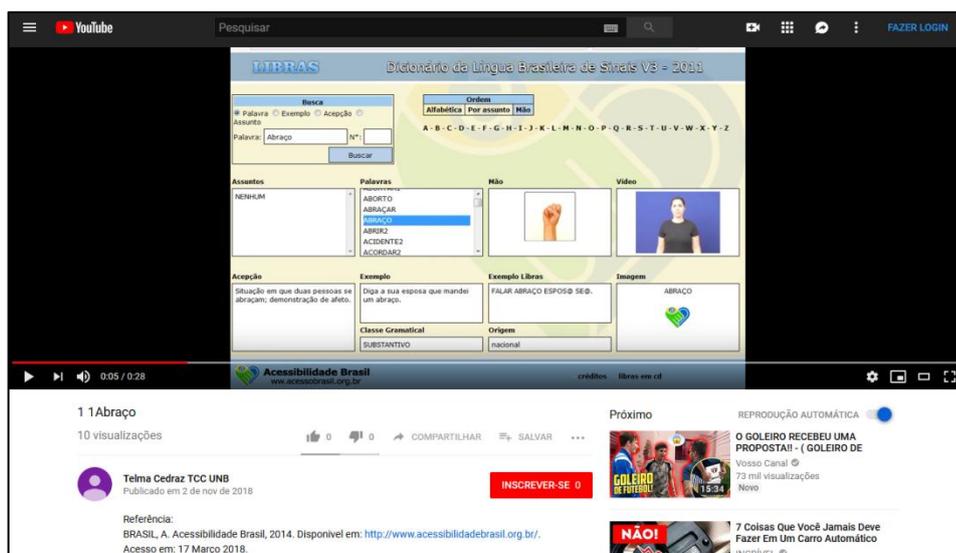


Figura 32 - Canal criado na plataforma do Youtube

Fonte: <https://youtube.com/>

2.3 O apoio de um usuário da Libras

Para que a sinalização seguisse o mais natural possível, no momento da produção em Libras foi convidado o aluno do curso de LSB-PSL, da própria UnB, pertencente à terceira turma, com ingresso no ano de 2017. O aluno chamado Dheivid Roger Silva Santos tem vinte e nove anos de idade, com surdez profunda bilateral e aprendeu Libras na escola aos dez anos. O colaborador é usuário de Libras como L1, mas com compreensão razoável de textos em português escrito, que para ele é a sua L2. Essa decisão foi tomada para que a LP não exercesse influência na realização dos sinais. A responsável pela pesquisa é ouvinte, pertence a uma comunidade surda⁴⁴ e tem amigos⁴⁵ sinalizantes que usam a Libras como L1. Visando dar um caráter científico à pesquisa buscou-se o apoio de um usuário fluente na Libras.

2.4 Laboratório de filmagens

As filmagens foram realizadas no laboratório⁴⁶ organizado pelos alunos⁴⁷ do LSB-PSL localizado no subsolo do ICC sul, no módulo 4, conforme mostra a **Figura 33**.

⁴⁴ A pesquisadora é membro da organização das Testemunhas de Jeová há vinte e cinco anos e serve como voluntária em uma Congregação usa a Libras como a língua de instrução nas reuniões e nos demais encontros.

⁴⁵ Paulo de Oliveira Lima Júnior é Surdo e é aluno também do curso LSB-PSL com ingresso no ano de 2017, pertence a mesma religião da pesquisadora, com quem aprendeu a Libras, ele é casado com Vera Lúcia de Oliveira. O casal mantém amizade com a pesquisadora há mais de 16 anos.

⁴⁶ O nome provisório dado ao Laboratório é: “Vêm Libras”.

⁴⁷ Os alunos são do curso LSB-PSL: Carlos Ximenes da segunda turma, ingresso no ano de 2016, Dheivid Roger Silva Santos, da terceira turma, ingresso no ano de 2017; Fabiana Ribeiro Barros Xavier, Lorraine Costa Silva e Telma Cedraz dos Santos, todas da primeira turma, ingresso no ano de 2015.

O laboratório é equipado com parede na cor azul cobalto. A máquina fotográfica Canon T6 e o conjunto de iluminação para gravações não fazem parte do laboratório, foram adquiridos pela pesquisadora.



Figura 33- Estúdio de filmagem usado para a gravação dos vídeos
Fonte: Arquivo Pessoal

2.5 A Ficha Terminológica para a análise sêmica dos sinais ambíguos

A ficha terminológica tem como base Prometti (2013), porém foram feitas algumas adaptações para que se alcançasse os objetivos propostos, que consistia na análise semântica de quatro pares de sinais para constatar se esses pertenciam ou não ao mesmo campo semântico caracterizando-os respectivamente como polissêmicos ou homônimos.

A importância da organização dos dados por meio de fichas é descrita por Prometti (2013, p. 50) quando explica que:

[...] a ficha terminológica é um elemento muito importante na organização de repertórios terminológicos e um dos itens fundamentais para a geração de um glossário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. **De acordo com cada pesquisa, a ficha terá suas especificidades** [...] (PROMETTI, 2013, p. 50, grifo nosso).

A ficha é dividida em três partes, a primeira com o cabeçalho, a segunda tendo como foco a LP e a terceira com foco na Libras. O cabeçalho, a primeira parte, é mostrado no **Quadro 5**:

(a)	FICHA TERMINOLÓGICA DE ANÁLISE SÊMICA PORTUGUÊS e LIBRAS
(b)	Ficha N° XX

Quadro 5 - Cabeçalho da ficha terminológica de análise sêmica
Fonte: PROMETTI (2013) com adaptações

- (a) Título: Ficha Terminológica de Análise Sêmica – Português e Libras
 (b) Número: Ficha nº XX, no qual o XX refere-se a sequência numérica de 01 a XX usada, até atingir a quantidade de sinais analisados.

Os elementos que formam a microestrutura do verbete, que segundo Faulstich (2001, p. 12) apud Prometti (2013, p. 52) é composto por:

entrada [ent.] Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o **termo** propriamente dito, o termo principal.

categoria gramatical [cat.] Indicativo da categoria, na gramática da língua, a que pertence o termo ou da estruturação sintático-semântica do termo. Pode ser s = substantivo; v = verbo; st = sintagma terminológico; utc = unidade terminológica complexa etc.

gênero [gên.] Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, como m = masculino; f = feminino.

variante [var.] Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro.

definição [def.] Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.

contexto [cont.] Fragmento de texto em que o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade (FAULSTICH, 2001, p. 12 apud PROMETTI, 2013, p. 52).

Com base nos elementos descritos por Faulstich (2001) apud Prometti (2013), foram escolhidos os elementos que compõem a segunda parte da ficha terminológica, com foco na LP, esses são descritos no **Quadro 6** e são descritos da seguinte forma:

(c) PORTUGUÊS					
				(d) Campo semântico igual	
(e)	Sinal 1		Sinal 2		(m)
(f)	Ent.	Português	Ent.	Português	
(g)	Cat.	Português	Cat.	Português	
(h)	Gên.	Português	Gên.	Português	
(i)	Ass.	Português	Ass.	Português	
(j)	Acep.	Português	Acep.	Português	
(k)	Cont.	Português	Cont.	Português	
(l)	Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/			

Quadro 6 - Primeira parte da ficha com foco na LP

Fonte: PROMETTI (2013) com adaptações.

- (c) A língua usada para a análise será o português;
 (d) O título referente ao espaço destinado para a análise do campo semântico;
 (e) O título do campo que foi feita a análise dos sinais 1 e 2;
 (f) A Entrada [Ent.] é a palavra escrita em português na qual se referem os sinais 1 e 2;

- (g) A Categoria gramatical [Cat.], refere-se à categoria gramatical da LP, a qual o item se refere, sendo s=substantivo, v=verbo;
- (h) O Gênero [Gên] refere-se ao gênero do item lexical na LP, sendo m=masculino ou f=feminino;
- (i) O assunto [Ass.] refere-se ao assunto a que o item lexical pertence. Este dado foi disponibilizado pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, localizado na lateral central esquerda, que pode ser visualizado na **Figura 29**;
- (j) A aceção [Acep.] refere-se ao sentido que o item lexical está sendo empregado. Este dado foi disponibilizado pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, localizado na lateral inferior esquerda, que pode ser visualizado na **Figura 29**;
- (k) O Contexto [Cont.] refere-se a um exemplo de uso na LP em que o item foi aplicado. Este dado foi disponibilizado pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, localizado na parte central, que pode ser visualizado na **Figura 29**;
- (l) A Fonte dos Dados refere-se ao endereço eletrônico no qual se encontra o dicionário disponível para consulta;
- (m) As duas colunas 1- SIM para afirmar que os dois itens pertencem ao mesmo campo semântico e 2- NÃO para negar que os dois itens não pertencem ao mesmo campo semântico.

O foco na Libras, a terceira parte da Ficha Terminológica, é mostrada no **Quadro 7** e seus elementos são assim descritos:

(n) LIBRAS							
(o) Sinal 1		Sinal 2					
(p) Ent.	(q) QR code	Ent.	QR code	(t) Comparação Fonológica		Comparação Ambigua (v)	
(r) Parâmetros		Parâmetros		SIM	NÃO	Homonímia	Polissemia (w)
CM		CM		(u)	(u)		
M		M.					
PA		PA					
Or		Or					
(s) Cont.	Glosa	Cont.	Glosa				
(x) Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/						
(y) Análise							

Quadro 7 - Segunda parte da ficha com foco na Libras

Fonte: PROMETTI (2013) com adaptações

- (n) A língua usada para a análise foi a Libras;
- (o) O espaço destinado para a análise dos sinais 1 e 2;
- (p) Entrada [Ent.] a imagem do item lexical realizada pelo sinalizante do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES;
- (q) O QR code, referente à entrada que foi postada no canal Telma Cedraz TCC UnB;
- (r) Os parâmetros fonológicos que serão usados na análise: CM, M, PA e M;

- (s) O Contexto [Cont.] refere-se à frase em Glosa do exemplo de uso da entrada. Este dado foi disponibilizado pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, localizado na parte central, que pode ser visualizado na **Figura 29**;
- (t) Comparação fonológica refere-se ao título do campo destinado a confirmação ou a negação da igualdade na articulação do parâmetro;
- (u) SIM / NÃO é o campo destinado para a marcação que indica se nos itens há ou não coincidência entre cada um dos parâmetros, marcando um “X” no campo SIM, se teve coincidência e NÃO, quando não tem coincidência;
- (v) Comparação ambígua é o título do campo destinado para a marcação se os dois itens lexicais comparados são homônimos ou polissêmicos;
- (w) Homonímia/Polissemia refere-se ao campo destinado à marcação se os itens depois de comparados são homônimos, devendo fazer a marcação do “X” na coluna Homonímia e se os itens comparados são polissêmicos, devendo fazer a marcação do “X” na coluna Polissemia;
- (x) Fonte dos Dados refere-se ao endereço eletrônico no qual se encontra o dicionário disponível para consulta;
- (y) Análise refere-se ao campo que será escrita a análise se os itens são ou não homônimos ou polissêmicos.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem o objetivo de analisar de 8 sinais do total de 26 sinais ambíguos coletados do grupo 2, que corresponde a posição 1A do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES. A análise foi realizada por meio de uma ficha terminológica criada seguindo a sequência do quadro do APÊNDICE B, no qual os sinais estão organizados em pares ou em trios.

3.1 A análise sêmicas dos sinais ABRAÇO/ABRAÇAR; CONSTRUÇÃO/PEDREIRO; QUEBRAR4/QUEBRADO; REAGIR/REFORÇO.

Conforme descrito na “2.2 A coleta do *corpus*”, foram coletados 26 sinais ambíguos da posição 1A correspondente ao Grupo 2 do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES composta de 437 sinais. O **Gráfico 1** mostra o percentual de 6% que esses representam dentro do grupo:

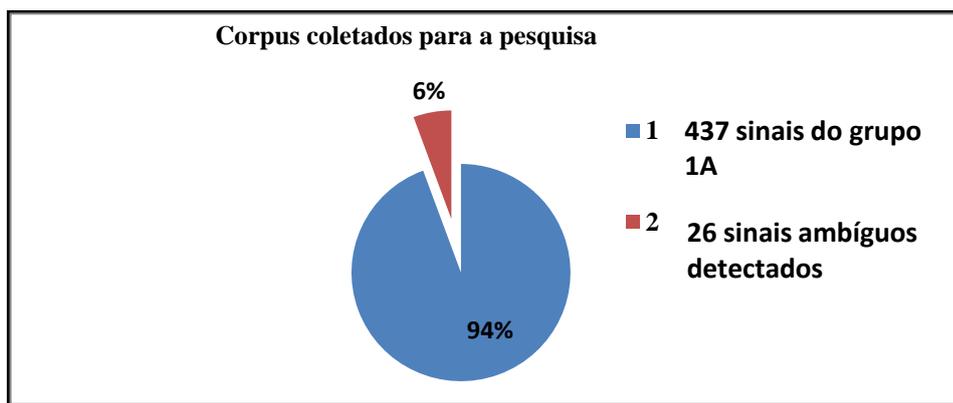


Gráfico 1 - Corpus coletado para a pesquisa
 Fonte: APÊNDICE A e APÊNDICE B

A grande quantidade de itens lexicais coletados para o *corpus* provou que a pesquisa tem potencial de ser retomada no futuro. Mas, para a organização da proposta foi usado somente quatro pares de sinais ambíguos, num total de oito itens lexicais, do universo dos 26 coletados, para compor a proposta do glossário e que estão organizados no **APÊNDICE F**. O Gráfico 2 mostra a porcentagem de 24% que esses sinais representam:

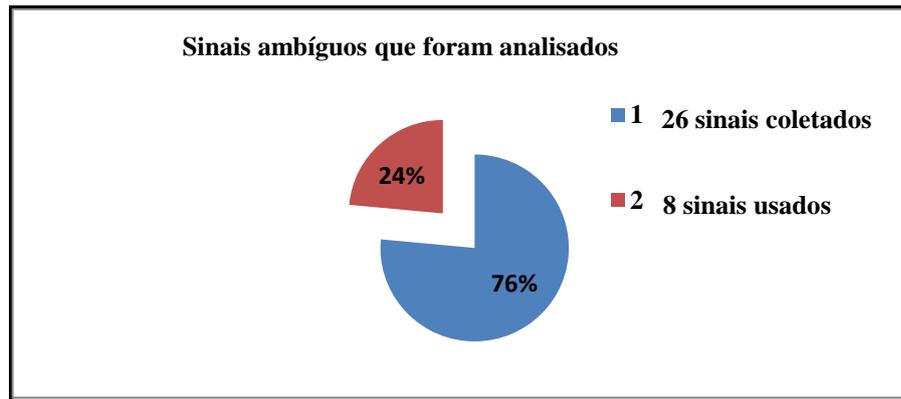


Gráfico 2 - Os sinais ambíguos analisados
Fonte: APÊNDICE B

Os sinais selecionados ABRAÇO/ABRAÇAR, CONSTRUÇÃO/PEDREIRO, QUEBRAR4/QUEBRADO e REAGIR/REFORÇO foram analisados conforme as seguintes fichas terminológicas sêmicas:

3.1.1 ABRAÇO/ABRAÇAR

FICHA TERMINOLÓGICA DE ANÁLISE SÊMICA					
PORTUGUÊS e LIBRAS					
					Ficha Nº 01
PORTUGUÊS					
				Campo semântico igual	
Sinal 1		Sinal 2		SIM	NÃO
Ent.	Abraço	Ent.	Abraçar	X	
Cat.	Substantivo	Cat.	Verbo		
Gên.	Masculino	Gên.	-		
Ass.	Nenhum	Ass.	Nenhum		
Acep.	1. Situação em que duas pessoas se abraçam; 2. Demonstração de afeto.	Acep.	Envolver uma pessoa com os braços, aproximando-se dela.		
Cont.	Diga a sua esposa que mandei um abraço.	Cont.	Ela abraçou o seu filho.		
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/				
Análise	As acepções disponibilizadas pelo dicionário mostraram que no caso do abraço este refere-se ao nome que se dá a ação de abraçar, mostrando que os dois itens fazem parte do mesmo campo semântico.				
LIBRAS					
Sinal 1		Sinal 2			

Ent.	QR code	Ent.	QR code	Comparação Fonológica		Comparação Ambígua	
							
Parâmetros		Parâmetros		SIM	NÃO	Homonímia	Polissemia
CM		CM		X			X
M	Tipo: Contorno e forma Geométrica: Retilíneo; Maneira: contínuo; Direcionalidade: unidirecional para dentro; Frequência : repetido.	M.	Tipo: Contorno e forma Geométrica: Retilíneo; Maneira: contínuo; Direcionalidade: unidirecional para dentro; Frequência: simples.				
PA	Busto	PA	Busto				
Or	Para dentro	Or	Para dentro				
Cont.	FALAR ABRAÇO ESPOS@ SE@.	Cont.	EL@ ABRAÇAR FILH@ DEL@.				
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/						
Análise	<p>Os sinais ABRAÇO/ABRAÇAR estão relacionados à demonstração de afeto, fazendo parte do mesmo campo semântico, caracterizando-se como polissêmicos. Na articulação entre os dois itens há somente uma pequena distinção, onde o sinal ABRAÇO (substantivo) existe a repetição do movimento e o sinal ABRAÇAR (verbo) não há essa repetição.</p> <p>A frequência do parâmetro M observado nos sinais ABRAÇO/ABRAÇAR é motivo de divergência entre alguns linguistas. Com base nos estudos de Supalla e Newport (1978) na ASL, Quadros e Karnopp (2004, p. 96-97) explicam que a categorização entre nomes e verbos na LS é marcada pelo parâmetro M e afirmam que “O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos [...]”. Entretanto, estudos recentes da Libras têm questionado essa afirmação, como por exemplo, o estudo realizado por Pizzio (2011) e citado por Lima (2012), no qual a autora realiza um estudo empírico para comprovar essa afirmação de Quadros e Karnopp (2004). Lima (2012, p. 69) explica que o resultado da pesquisa de Pizzio (2011) mostrou que, esses “[...] não apresentaram certa regularidade quanto à identificação de critérios que sejam relevantes na estrutura/constituição dos sinais e também na diferenciação</p>						

entre Verbo e Nome”.

3.1.2 CONSTRUÇÃO/PEDREIRO

FICHA TERMINOLÓGICA DE ANÁLISE SÊMICA PORTUGUÊS e LIBRAS

Ficha Nº 02

PORTUGUÊS

				Campo semântico igual	
Sinal 1		Sinal 2		SIM	NÃO
Ent.	Construção	Ent.	Pedreiro	X	
Cat.	Substantivo	Cat.	Substantivo		
Gên.	Feminino	Gên	Masculino		
Ass.	Nenhum	Ass.	Profissão/Trabalh o		
Acep.	Andamento de uma obra, até que esteja terminada.	Acep.	Indivíduo que executa trabalhos em alvenaria, com tijolo e pedra, e de revestimento, como a colocação de ladrilhos, entre outros.		
Cont.	A construção da casa de meu tio demorou muito.	Cont.	Estou precisando de um pedreiro para fazer obras em minha casa.		
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/				

LIBRAS

Sinal 1		Sinal 2					
Ent.	QR code	Ent.	QR code	Comparação Fonológica	Comparação Ambígua		
							
Parâmetros		Parâmetros		SIM	NÃO	Homonímia	Polissemia
CM	 1 (03)	CM	 1 (03)	X			X
M	Tipo: Toque; Maneira: contínuo; Direcionalidade: Bidirecional para as	M.	Tipo: Toque; Maneira: contínuo; Direcionalidade:				

	laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; Frequência: repetido.		Bidirecional para as laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; Frequência: repetido.				
PA	ME: Interstício entre o polegar e o indicador MD: Lado de dedo mínimo	PA	ME: Interstício entre o polegar e o indicador MD: Lado de dedo mínimo				
Or	Para dentro	Or	Para dentro				
Cont.	TI@ CASA CONSTRUÇÃO DEMORAR muito.	Cont.	EU PRECISAR PROCURAR PROFISSIONAL HOMEM^OBR A.				
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/						
Análise	Os sinais CONSTRUÇÃO/PEDREIRO estão relacionados ao processo de erigir uma casa, um prédio ou uma edificação, por outro lado a pessoa responsável em executar seria o profissional pedreiro, portanto os dois sinais fazem parte do mesmo campo semântico, caracterizando-se como polissêmicos. Na Libras os sinais são articulados da mesma forma, mas conforme mostra a glosa há uma estratégia durante a tradução para desfazer a ambiguidade entre eles, ao sinalizar PEDREIRO, os sinais PROFISSIONAL + HOMEM é usado.						

3.1.3 QUEBRAR4/QUEBRADO

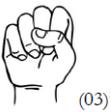
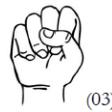
FICHA TERMINOLÓGICA DE ANÁLISE SÊMICA PORTUGUÊS e LIBRAS					
					Ficha Nº 03
PORTUGUÊS					
				Campo semântico igual	
Sinal 1		Sinal 2		SIM	NÃO
Ent.	Quebrar4	Ent.	Quebrado		X
Cat.	Verbo	Cat.	Adjetivo		
Gên.	Nenhum	Gên	Masculino		
Ass.	Nenhum	Ass.	Nenhum		
Acep.	1. Falir;	Acep.	1. Cansado;		

	2. Ir à falência		2. Exausto; 3. Maltratado.		
Cont.	Há anos ele tinha a sua própria loja, mas agora ela acabou, quebrou!	Cont.	Ele está todo quebrado, trabalhou muito hoje!		
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/				
LIBRAS					
Sinal 1		Sinal 2			
Ent.	QR code	Ent.	QR code	Comparação Fonológica	Comparação Ambígua
					
Parâmetros		Parâmetros		SIM	NÃO
CM		CM			
M	Tipo: Contorno e forma Geométrica angular 30°; Maneira: contínuo; Direcionalidade: Bidirecional: para esquerda e para direita; Frequência: Simples.	M.	Tipo: Contorno e forma Geométrica angular 30°; Maneira: contínuo; Direcionalidade: Bidirecional: para esquerda e para direita; Frequência: Simples.	X	X
PA	Espaço Neutro	PA	Espaço Neutro		
Or	MD: 1ª Or – Palma para baixo; 2ª Or. Palma contralateral esquerda; ME: 1ª Or – Palma para baixo; 2ª Or. Palma contralateral direita.	Or	MD: 1ª Or – Palma para baixo; 2ª Or. Palma contralateral esquerda; ME: 1ª Or – Palma para baixo; 2ª Or. Palma contralateral direita.		

Cont.	EL@ L-O-J-A PRÓPRI@ ANOmuito AGORA ACABAR JÁ QUEBRAR!	Cont.	EL@ CORPO- TOD@ QUEBRAD@ HOJE TRABALHAR muito!				
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/						
Análise	A articulação em Libras dos dois sinais com base na descrição fonológica é idêntica, dependendo de um contexto para detectar seus significados. Com base nas acepções fornecidas pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, o campo semântico do sinal 1 (QUEBRAR4) está relacionado a comércio e a dinheiro, ao contrário do sinal 2 (QUEBRADO) que está relacionado à saúde e bem estar, portanto são distintos, caracterizando a homonímia entre eles.						

3.1.4 REAGIR/REFORÇO

FICHA TERMINOLÓGICA DE ANÁLISE SÊMICA PORTUGUÊS e LIBRAS					
					Ficha N° 04
PORTUGUÊS					
				Campo semântico igual	
Sinal 1		Sinal 2		SIM	NÃO
Ent.	Reagir	Ent.	Reforço		X
Cat.	Verbo	Cat.	Substantivo		
Gên.	Nenhum	Gên	Masculino		
Ass.	Nenhum	Ass.	Nenhum		
Acep.	1. Exercer reação; 2. Apresentar comportamento ou idéia contrária.	Acep.	1. Apoio pedagógico, para a revisão de lições não aprendidas.		
Cont.	Estou com depressão, preciso reagir.	Cont.	Ele não passou neste ano e fará reforço.		
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/				
LIBRAS					
Sinal 1		Sinal 2		Comparação Fonológica	Comparação Ambígua
Ent.	QR code 	Ent 	QR code 		

Parâmetros		Parâmetros		SIM	NÃO	Homoními a	Polissemia
CM		CM		X		X	
M	Torcedura de pulso: rotação	M.	Torcedura de pulso: rotação				
PA	Espaço Neutro	PA	Espaço Neutro				
Or	1ª Or. Para baixo 2ª Or para cima	Or	1ª Or. Para baixo 2ª Or para cima				
Cont.	EU DEPRESSÃO PRECISAR REAGIR.	Cont.	EST@ ANO EL@ PASSAR NÃO ESTUDAR REFORÇO.				
Fonte dos Dados	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais Acesso em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/						
Análise	Ao analisar a articulação dos sinais REAGIR/REFORÇO percebe-se que são realizados de forma idêntica. O sinal REFORÇO, conforme mostrado na acepção fornecida pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, está relacionado à educação escolar e a aprendizagem, ao contrário de sinal REAGIR que está relacionado ao campo semântico da saúde relacionado a depressão em que a pessoa tem que exercer reação contrária àquela doença emocional. O par REAGIR/ REFORÇO são ambíguos homônimos, pois seus respectivos campos semânticos são de áreas distintas.						

A análise sêmica dos quatro pares selecionados teve como objetivo classificar os sinais ambíguos como homônimos ou polissêmicos. O foco da análise na LP teve como base as informações da microestrutura do verbete dos sinais fornecidas pelo Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES, a saber: o assunto, a classe gramatical, a acepção e o contexto de uso. O foco na Libras teve como base os estudos fonológicos de Faria-Nascimento (2009) com respeito as CM, as quais a autora catalogou 75 delas, como mostra a **Figura 5**, e os de Ferreira e Langevin (1995), referentes aos parâmetros PA - **Quadro 1**, M - **Quadro 2**, Or - **Quadro 3**. A ENM foi desconsiderada, conforme supracitado na seção **2.2 - A coleta do corpus**, pois para que houvesse uma análise distintiva mais precisa dos parâmetros não manuais precisaria de recursos tecnológicos mais específicos, os quais não estavam disponíveis durante a pesquisa.

As análises sêmicas confirmaram a complexidade em constatar com nitidez o tipo de ambiguidade entre os pares analisados. De acordo com Soares (2013) e Lyons (1987) há uma linha tênue entre a homonímia e a polissemia que dificultam na prática a distinção entre pares ambíguos, apesar da teoria semântica aplicada está bem clara para esses estudiosos.

A acepção disponibilizada pelo dicionário foi essencial para a detecção dos campos semânticos de cada item lexical do par ambíguo e testificar se eram homônimos por serem de campos semânticos diferentes ou polissêmicos por serem de campos semânticos iguais.

Os resultados das análises obtidas nesse capítulo serão a base da proposta da criação da proposta do glossário de sinais ambíguos em Libras que apresentaremos com mais pormenores no próximo capítulo.

4 A PROPOSTA DO GLOSSÁRIO DE SINAIS AMBÍGUOS EM LIBRAS

Neste capítulo apresentaremos a proposta do glossário de sinais ambíguos em Libras. Para esse objetivo usaremos os oitos sinais analisados no Capítulo 3 separados em dois grupos de homônimos e polissêmicos organizados na macroestrutura da obra e a microestrutura de cada verbete usaremos as informações fornecidas pelo dicionário

4.1 A organização dos itens lexicais para o glossário

Na organização da proposta do glossário de sinais ambíguos em Libras foi usado quatro pares de sinais ambíguos, totalizando oito sinais: ABRAÇO/ABRAÇAR, CONSTRUÇÃO/PEDREIRO, QUEBRAR4/QUEBRADO e ESFORÇAR/ESFORÇO. Depois da análise sêmica na qual os itens supracitados foram submetidos, eles foram organizados em uma tabela⁴⁸ e separados em dois grupos homônimos, os sinais QUEBRAR4/QUEBRADO e ESFORÇAR/ESFORÇO e polissêmicos, os sinais ABRAÇO/ABRAÇAR e CONSTRUÇÃO/PEDREIRO.

As acepções fornecidas pelo dicionário foram usadas como base para a elaboração das frases que fizeram parte da proposta do glossário de sinais ambíguos e estão relacionadas na mesma tabela do **APÊNDICE G**.

A macroestrutura e a microestrutura serão explicadas na próxima seção deste capítulo.

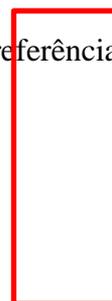
4.2 A organização das estruturas do glossário

4.2.1 A Macroestrutura

O glossário foi organizado usando o programa Power Point da Microsoft Office 2010.

A macroestrutura é composta de dois botões na lateral direita os quais chamamos de apresentação e de busca.

Os referidos botões estão destacados na Erro! Fonte de referência não encontrada.:



⁴⁸ A referida tabela está no **APÊNDICE G**.



Figura 34 - Macroestrutura do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras
 Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras

O botão apresentação é composto de um vídeo em Libras e com a tradução em LP logo abaixo dele, conforme a **Figura 35** e no canto inferior direito há um botão de retorno para a macroestrutura do glossário, conforme mostra a **Figura 36**:

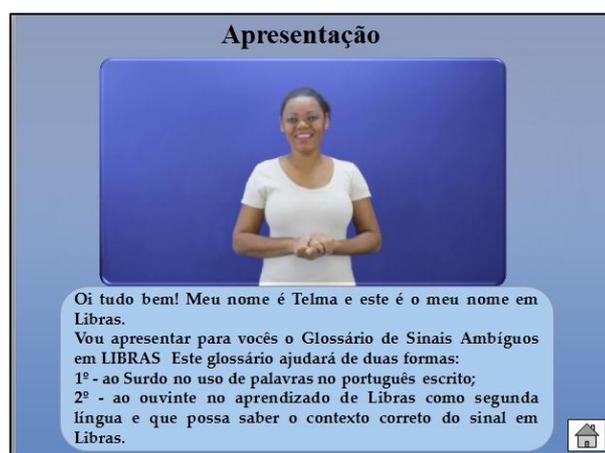


Figura 35 - Botão de Apresentação
 Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras



Figura 36 - Botão de retorno para a macroestrutura
 Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras

O botão “Busca” dá acesso aos dois grupos de sinais ambíguos, os homônimos e os polissêmicos. O acesso ao grupo escolhido pelo consulente se dá por meio dos números 1 e 2, localizados na lateral esquerda e que dão acesso respectivamente, aos sinais polissêmicos e aos sinais homônimos. A **Figura 37** mostra o acesso:



Figura 37 - Botão "Busca"

Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em LibrasS

As macroestruturas dos sinais polissêmicos e homônimos seguiram a mesma ordem em que as entradas aparecem no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES. A **Figura 38** mostra a macroestrutura dos sinais polissêmicos e a **Figura 39** mostra a macroestrutura dos sinais homônimos:



Figura 38 - Grupo de sinais polissêmicos

Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras



Figura 39 - Grupo de sinais homônimos

Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras

4.2.2 A Microestrutura

A microestrutura é formada pelos seguintes elementos:

- (a) Entrada [ent.];
- (b) Categoria Gramatical [Cat.] s=substantivo; v=verbo] e Gênero [Gen.] m=masculino; f=feminino];
- (c) Acepção [acep.] que foram coletadas do Dicionário da Língua de Sinais Brasileira do INES;
- (c) Contexto de uso [Cont.] onde 1- Libras refere-se à frase criada pela pesquisadora seguindo a acepção fornecida pelo dicionário em Libras e o 2- Português refere-se à frase em português.

A microestrutura de cada verbete é mostrada na **Figura 40**:

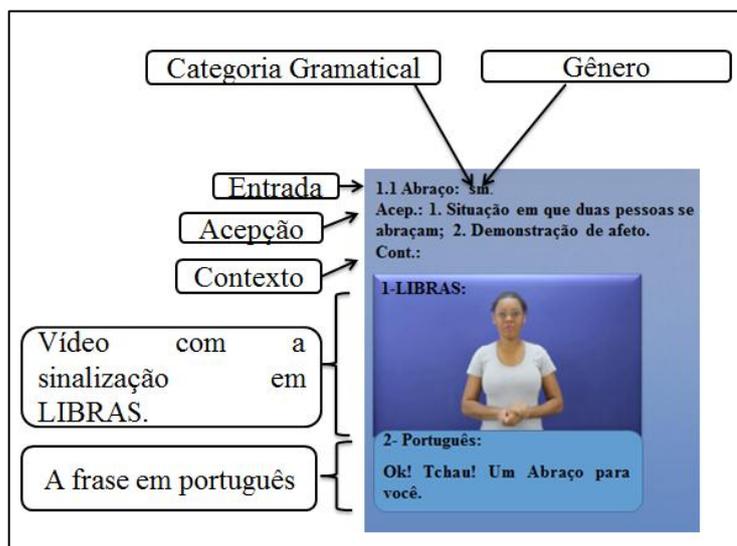


Figura 40 - A microestrutura do verbete

Fonte: Proposta do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras

4.2.3 A organização das entradas no glossário

4.2.3.1 Sinais polissêmicos

Os sinais polissêmicos foram organizados na mesma entrada, pois fazem parte do mesmo campo semântico, conforme mostra a **Figura 41**:

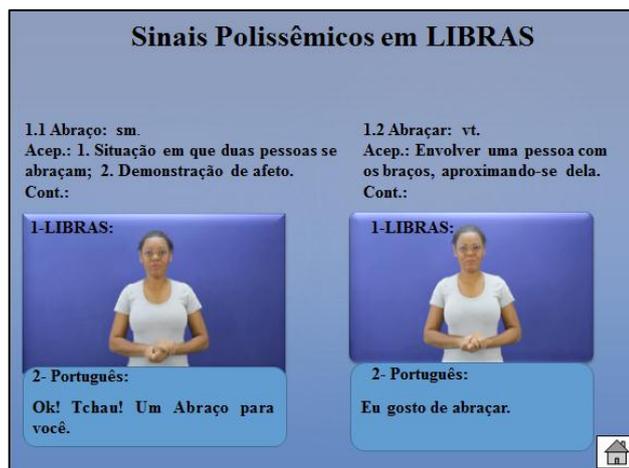


Figura 41 - Entrada dos sinais polissêmicos

Fonte: Proposta do glossário de sinais ambíguos em Libras

4.2.3.2 Sinais homônimos

Os sinais homônimos foram organizados em entradas individuais, pois pertenciam a campos semânticos diferentes, conforme mostra a **Figura 42**:



Figura 42 - Entrada dos sinais homônimos

Fonte: Proposta do glossário de sinais ambíguos em Libras

A proposta que apresentamos do Glossário de Sinais Ambíguos em Libras, mostrou uma possibilidade funcional e prática de organização dos itens lexicais polissêmicos e homônimos em grupos. Seguimos a teoria sêmica a que esses tipos de sinais fazem parte, isto é sinais polissêmicos na mesma entrada, por pertencerem ao mesmo campo semântico e sinais homônimos em entradas distintas, por serem de campos semânticos diferentes, portanto são itens com significados diferentes. Acreditamos que desta forma os consulentes Surdos ou não-surdos possam ter mais clareza no momento da consulta e verificação do contexto desses itens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos uma pesquisa para a criação de uma proposta de glossário de sinais ambíguos em Libras com o intuito de proporcionar ao consulente Surdo aumentar o seu léxico de palavras em LP, ajudá-los no momento da produção do português escrito e ao consulente não-surdo ampliar o seu léxico em Libras referente aos sinais ambíguos para o auxiliar no momento da sinalização. Os pressupostos teóricos que utilizamos foram com base na Semântica Lexical, aplicando conceitos já consolidados da LO trazidos por Lyons (1987) e Cançado (2015), aplicando nas LS, tendo como base as pesquisas dos estudos anteriormente realizados por Soares (2013), Lima, Cruz, *et al.* (2014) e Bidarra e Martins (2012).

Usamos recursos tecnológicos por meio do programa *Movavi Vídeo 16* para coletar todo o *corpus* da pesquisa que teve como fonte a obra lexicográfica do INES, o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais versão 3 do ano de 2011, que nos possibilitou a coleta dos sinais da própria tela de consulta. Devido à vasta quantidade de entrada do *corpus*, limitamos a análise a somente um grupo de CM do universo de 73 que compõe o dicionário. O resultado foram 26 sinais ambíguos catalogados para análises mais detalhadas e classificação desses itens lexicais em polissêmicos ou homônimos. Decidimos ainda mais, delimitar a quantidade dos sinais para 8 sinais e criamos a proposta do glossário. O motivo dessa decisão foi meramente relacionado ao pouco tempo que teríamos para se dedicar a pesquisa, por se tratar de uma investigação de curto prazo da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois possibilitaram a criação de um novo modelo de ficha terminológica sêmica com base em Prometti (2013), a qual foi aprimorada com o auxílio da tecnologia de consulta do QR Code, que os remete a postagem no canal do *YouTube, Telma Cedraz TCC UnB*, criado especificamente para a pesquisa e análise dos dados.

A nossa proposta do glossário tem como língua de busca a LP, sendo aplicável tanto para consulentes Surdos e não-surdos. Há dois grupos de sinais ambíguos, polissêmicos e homônimos, os quais dependendo da escolha do usuário pode ter acesso há exemplos desses tipos de sinais com base nos campos semânticos. As entradas do glossário foram organizadas da seguinte forma, a saber, para os sinais polissêmicos organizamos em uma única entrada por pertencerem ao mesmo campo semântico e para os sinais homônimos, com campos semânticos diferentes, organizamos em entradas individuais. Para a microestrutura do verbete organizamos com os dados fornecidos pela fonte do *corpus*, a saber: classe gramatical,

gênero, acepção e contexto. Tendo como base a acepção de cada entrada criamos frases em Libras e abaixo sua tradução na LP para cada item lexical selecionado.

Acreditamos que esta proposta poderá contribuir para os estudos semânticos das LS, pois neste foco ainda há poucas análises realizadas. Segundo Weedwood (2002) e Oliveira (2015), os estudos semânticos nas línguas naturais são de preocupação dos estudiosos durante muitos séculos, desde o século XIX com a introdução dos estudos do sentido nas LO por Michel Bréal e depois no século XX nas LS, com os estudos da ASL realizados por Stokoe e sua equipe. Esses estudos contribuíram para que ao redor do mundo as análises estruturais e semânticas dessas línguas fossem realizadas e desta forma contribuíssem para o fortalecimento dessas línguas.

O reconhecimento da Libras, pela Lei 10.436/2002, abriu novos caminhos para os estudos serem realizados, entretanto apesar dos avanços legais e linguísticos, muitos entraves precisam ser solucionados, tais como a existência de uma comissão nacional para organizar o registro do léxico dessa língua, que facilitaria aos usuários de L1 ou L2 a terem uma base confiável desses sinais, contribuindo tanto no campo do aprendizado, quanto no campo da análise. O registro do léxico padrão da LP estabelece os parâmetros necessários para os estudos comparativos e análises mais consistentes, fato este ainda não compartilhado nas LS. Outro ponto importante a mencionar é o vasto território brasileiro com extensões continentais contribuindo para que exista uma grande variação e formas diferentes de articulação desses sinais dificultando também os estudos (CASTRO JÚNIOR, 2015).

Atualmente, estudos com a finalidade de registro de sinais-termo da Libras é muito significativa, tanto dentro das universidades e fora dela, mas ainda há espaço para melhoras, pois muitos profissionais inabilitados nas áreas de Lexicografia e Terminologia estão envolvidos na produção dessas obras, portanto é urgente que mais lexicógrafos especializados nas LS sejam formados e futuramente possam contribuir para o crescimento dos registros lexicográficos da Libras (NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCAY, S. N. Juan de Pablo Bonet. **História de Aragón**, 2017. Disponível em: <<https://historiaragon.com/2017/01/05/juan-de-pablo-bonet/>>. Acesso em: 1 Julho 2018.

ALMEIDA, M. B.; SOUZA, R. R. Avaliação do espectro semântico de instrumentos para a organização de informação. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 31, p. 25-50, 2011.

AZEVEDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAKER, C.; PADDEN, C. **American Sign Language: a look at its history, structure and community**. Silver Spring: T.J.: Publisherr, Inc., 1978.

BARBOSA, M. A. **Réflexion sémantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique**. Meta XLI: [s.n.], 1996. 2:265-274 p.

BATTISON, R. **Phonological deletion in american sign language**. **Sign Language Studies**. [S.l.]: [s.n.], v. 5, 1974. 1-19 p.

BIDARRA, J.; MARTINS, T. A. O problema da Ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e libras. **http://www.ileel.ufu.br/ileel/**, Uberlândia, 2012. ISSN 1. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_154.pdf>. Acesso em: 05 Setembro 2018.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. **Alfa - Revista de Linguística**, São Paulo, n. 28 (Suplemento), p. 26, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. D.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2ª. ed. Campo Grande/MS: UFMS, v. 1, 2001. p. 13-22.

BORBA, F. D. S. **Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Presidência da República**, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 18 Maio 2018.

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. Tradução de Aída Ferraz et al. [S.l.]: Educ - Pontes, 1992 [1904].

BRENTARI, D. Sign language phonology. In: GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995.

BRITO, A. M. **Gramática: História, Teoria e Aplicações**. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2010.

- BUENO, F. D. S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.
- CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 3ª. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo - Edusp, v. II, 2001.
- CARDOSO, V. R. Terminologia da Língua de Sinais: Glossário de Nutrição. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos da Tradução). **Universidade de Brasília**: Repositório Institucional da UnB, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31522>>. Acesso em: 11 Junho 2018.
- CASTRO JÚNIOR, G. D. Projeto Varlibras - Tese (Doutorado - Doutorado em Línguística). **Universidade de Brasília**: Repositório Institucional da UnB, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17728>>. Acesso em: 2 Junho 2018.
- CORREIA, M. Homonímia e polissêmia - contributos para a delimitação dos conceitos. in **Palavras**, Lisboa: Associação dos professores de Português., p. 57-75, 2001. Disponível em: <<http://area.dge.mec.pt/gramatica/homonimia%20e%20polissemia.pdf>>. Acesso em: 3 outubro 2018.
- COSTA, R. Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da Língua Brasileira de Sinais: FONOLIBRAS - Dissertação (Mestrado). **Repositório da Universidade Federal da Bahia**, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17216>>. Acesso em: 14 Outubro 2018.
- CRUZ, M. A. **A filologia saussuriana: debates contemporâneos**. São José do Rio Preto - SP: Alfa, 2009. 107-126 p.
- DANTAS, T. Youtube. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em: 11 Novembro 2018.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Línguística**. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Dicionários Semibilingues: uma inovação? **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG**, Belo horizonte, v. 13, n. 1, p. 45-57, 2005. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2398/2352>. Acesso em: 29 Junho 2018.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. A metáfora na LSB e a construção de sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos Surdos - Dissertação (Mestrado - Mestrado em Línguística). **Repositório Institucional da Universidade de Brasília**, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5287>>. Acesso em: 1 Julho 2018.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. Representações lexicais da língua de sinais brasileira : uma proposta lexicográfica. **Repositório Institucional da Universidade de Brasília**, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>>. Acesso em: 1 Julho 2018.

FAULSTICH, E. **Base Metodológica para pesquisa em Socioterminologia**: Termo e Variação. Brasília: Universidade de Brasília, v. LIV, 1995. 32 p.

_____, E. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **IBICT - Portal de periódicos OJS - Ciência da Informação**, Brasília, 24, 1995. 281-288. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/566/567>>. Acesso em: 1 Junho 2018.

_____, E. Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários, 2001. Disponível em: <http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/ja_disponiveis.htm>. Acesso em: 12 Novembro 2018.

_____, E. Pressupostos de lexicografia bilíngue como base para dicionários de Libras X Português. **II Simpósio de Língua de Sinais e Bilinguismo; III Encontro Nacional do Gelco FINATEC**, Brasília, 2006.

_____, E. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. D. M. D. A.; ET.AL. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

_____, E. Avaliação de Dicionários: Uma proposta metodológica. **Organon: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, p. 181-220, Janeiro-Junho 2011. ISSN 50. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/28346/16994>>. Acesso em: 1 Junho 2018.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: curso básico - livro do professor. 7ª. ed. Rio de Janeiro: WallPrint, 2008.

FERRAREZI JR, C. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Editorial , 2008.

FERREIRA, A. B. D. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 2010 [Reimpressão].

FERREIRA, L. Artelibras. www.artelibras.com.br. Disponível em: <http://www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf>. Acesso em: 17 Junho 2018.

FERREIRA, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Cap. 12, p. 211-242.

- FINAU, R. As marcas linguísticas para as categorias tempo e aspectos na Libras. In: QUADROS (ORG), R. M. **Estudos Linguísticos III**. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2008. p. 260-300.
- FIORIN, J. L. (. **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística**: I. objetos teóricos. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, v. I, 2014.
- FRIEDMAN, L. A. **On the other hand**. New York: Academic, 1977.
- GESSER, A. **Libras?: Que Língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1985.
- HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: a Survey. In: HAUSMANN, F. J.; ET.AL **Wörterbücher - Dictionaries - Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. 3 Vols.** Berlin / New York: de Gruyter, v. 1, 1989. p. 328-360.
- ILARI, R.; GERALDI, J. **Sêmântica**. São Paulo : Ática, 1987.
- INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2014. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/metodologia/Hist%C3%B3rico.htm>. Acesso em: 17 Março 2018.
- JOHNSTON, T. A. Language Standardization and Signed Language Dictionaries. **No Institutional Affiliation**, p. 431-468, 2003. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/44214/pdf>>. Acesso em: 2 Julho 2018.
- KARNOPP, L. B. Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais : estudo longitudinal de uma criança surda - Tese (Doutorado). **Repositório Digital - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, 1999. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/60505>>. Acesso em: 14 Outubro 2018.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAQUINTO, K. "Na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". **Revista Conjuntura Econômica - Biblioteca Digital da Fundação Getúlio Vargas**, Rio de Janeiro, p. 29-32, Junho 2014. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/download/22722/21483>>. Acesso em: 25 Setembro 2018.

LIMA, E. S. et al. Alguns aspectos semânticos da Libras: Um estudo do léxico de seus sinais em suas relações de sinonímia, antonímia, homonímias, homógrafas e polissemia, p. 1-18, 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/318510367/Alguns-Aspectos-Semanticos-Da-Libras-Um-Estudo-Do-Lexico-de-Seus-Sinais-Em-Suas-Relacoes-de-Sinonimia-Antonimia-Homonimas-Homografas-e-Polissemia>>. Acesso em: 26 Abril 2018.

LIMA, H. J. D. Categorias Lexicais na Língua Brasileira de Sinais: Nomes e Verbos. **BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG**, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4423>>. Acesso em: 13 Junho 2018.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**. Rio de Janeiro - RJ: LTC, 1987.

MARTELOTTA (ORG), M. E. **Manual de Linguística**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Semântica e Pragmática. **Portal Libras - UFSC**, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto_base_Semantica-Final_2_dez_2008.pdf>. Acesso em: 19 Outubro 2018.

MÜLLER, A. L. D. P.; VIOTTI, E. D. C. Semântica Formal. In: FIORIN (ORG), J. L. **Introdução à Linguística: Princípios de análise**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 137-159.

MURAKAMA, C. D. A. A.; NADIN, O. L. **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, 2013. 248 p.

NASCIMENTO, C. B. D. Terminologia em Língua de Sinais: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente , em mídia digital. Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística). **Universidade de Brasília: Repositório Institucional da UnB**, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/21851>>. Acesso em: 20 Junho 2018.

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. **Language, Action, and Context: The early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930**. Amsterdã/Philadelphia: John Bejamins Publishing Company, 1996.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Aparecida - SP: Santuário , 1983.

OATES, E. **Língua das Mãos: com adaptações de e atualizações de Simone Vecchio**. Aparecida - São Paulo: Santuário, 2017.

OLIVEIRA, J. S. D. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras. Tese (Tese de Doutorado)**. Florianópolis : Universidade de Santa Catarina - UFCS, 2015.

PASS, R. Entenda o que são os 'QR Codes', código lidos pelos celulares. **G1**, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/entenda-o-que-sao-os-qr-codes-codigos-lidos-pelos-celulares.html>>. Acesso em: 11 Novembro 2018.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. A semântica lexical. In: FIORIN (ORG), J. L. **Introdução a Linguística**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111-135.

PINCELI, C. R. Lavoisier, Antoine Laurent (1743-1794). **Faculdade de Engenharia Mecânica - Unicamp**. Disponível em: <<http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>>. Acesso em: 26 Setembro 2018.

PIZZIO, A. L. A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos - Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística). **Universidade Federal de Santa Catarina**: Repositório institucional da UFCS, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95954>>. Acesso em: 15 Novembro 2018.

PROMETTI, D. GLOSSÁRIO BILÍNGUE DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: Criação de sinais dos termos da música. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística). **Repositório Institucional da UnB**, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/15032>>. Acesso em: 13 Junho 2018.

QUADROS, R. M. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. **Textura- Revista de Educação e Letras**, p. 54-61, 2000. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o+e+o+ensino+da+l%C3%ADngua+d+e+sinais&btnG=>>. Acesso em: 11 Novembro 2018.

QUADROS, R. M. D.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris: Hachette, 1971.

RODRIGUES, R. D. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, 2008. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf>. Acesso em: 28 Junho 2018.

SAUSSURE, F. D. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SEIDE, M. S. A Semântica de Michel Bréa: uma abordagem baseada no uso. **Cadernos do IL**, 30 Junho 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/28197>>. Acesso em: 03 Outubro 2018.

SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. Ethnologue - Languages of the word. **Tamil**, 2018. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/language/tam>>. Acesso em: 12 outubro 2018.

SOARES, C. P. Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB : um estudo sincrônico de homonímia. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística). **Repositório Institucional da Universidade de Brasília**, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13235>>. Acesso em: 17 Julho 2018.

SOFIATO, C. G. O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira - Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes). **Repositório da produção Científica e Intelectual da Unicamp**, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285074>>. Acesso em: 1 Julho 2018.

SOFIATO, C. G. Do desenho à Litografia: a origem da língua brasileira de sinais. Tese (Doutorado em Artes - Instituto de Artes). **Repositório da produção científica e intelectual da Universidade de Campinas (Unicamp)**, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284471>>. Acesso em: 24 Setembro 2018.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. H. Dicionarização da língua brasileira: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa** , São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-126, Janeiro-Março 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/art>>. Acesso em: 11 setembro 2018.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in american sign language. In: SIPLE, P.; (ED.). **Understanding language**. [S.l.]: [s.n.], 1978.

TUXI, D. S. P. A Terminologia nas Línguas de Sinais: Proposta de Organização e de Registros de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilingue - Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística). **Universidade de Brasília: Repositório Institucional da UnB, Brasília**, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23754>>. Acesso em: 15 Junho 2018.

ULLMANN, S. **Semântica – Uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. 2ª. ed. Lisboa - Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VALENTE, A. Aspectos semânticos na linguagem midiática. In: HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 165-170.

WAAL, D. V. D. Gramática e o Ensino da Língua Portuguesa (Artigo em Congresso). **Sistema Educere**, 2009. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2003_1006.pdf>. Acesso em: 1 Junho 2018.

WEEDWOOD, B. **História Concisa da Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábora Editorial, 2002.

WELKER, H. A. **Dicionários - uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

XAVIER, A. N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS) - Dissertação (Mestrado). **Digital library USP**, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18122007-135347/en.php>>. Acesso em: 17 Outubro 2018.

ZWITSERLOOD, I. Sign language lexicography in the early 21st century and a recently published dictionary of sign language of the Netherlands. **MPG. Pure - Publicacion Repository**, p. 443-476, 20 outubro 2010. Disponível em: <http://pubman.mpd.mpg.de/pubman/item/escidoc:570575:3/component/escidoc:570574/zwi tserlood_review_int_j_lex_2010.pdf>. Acesso em: 02 Julho 2018.

7 APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A - Sinais da posição 1A do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES

Nº	Sinal	Nº	Sinal	Nº	Sinal	Nº	Sinal	Nº	Sinal	Nº	Sinal
1	Abolição	1	Carimbar2	1	Escravizar2	1	Macaco mecânico	1	Pintar9	1	Saciar
1	Abortar1	1	Carro	1	Escravo	1	Madrugada	1	Piso	1	Saco
1	Aborto	1	Carteira de Habilitação	1	Escudo	1	Mágica	1	Placar	1	Sacola
1	Abraçar	1	Celibato	1	Escurecer	1	Mágico	1	Poder1	1	Sacolé
1	Abraço	1	Chá1	1	Escuro	1	Mágoa	1	Poder2	1	Sala
1	Abrir2	1	Cheio3	1	Escutar	1	Magoar	1	Poderoso	1	Saldo
1	Acidente2	1	Chocar3	1	Esfaquear	1	Mala	1	Pontuação	1	Salgado
1	Acordar	1	Chopp	1	Esforçar	1	Malvado	1	Porrada	1	Salmos
1	Agitado	1	Ciclismo	1	Esmurrar	1	Manobra	1	Porta-malas	1	Sarar
1	Agredir	1	Coagir	1	Esquiar	1	Manobrar	1	Porto Velho	1	Satisfazer
1	Alho	1	Coice	1	Estourar	1	Marca	1	Potente	1	Se
1	Alojamento	1	Colidir	1	Estrangular	1	Marceneiro	1	Poupar1	1	Século
1	Alto-falante	1	Comentarista	1	Etiqueta	1	Massa	1	Prender2	1	Segurança2
1	Amazona	1	Companhia2	1	Exercitar1	1	Matar1	1	Pretender	1	Segurar
1	Amortecedor	1	Comunista	1	Exercício2	1	Mato Grosso do Sul	1	Provar3	1	Senador
1	Ancião	1	Construção	1	Explicar	1	Marcado	1	Provável	1	Ser1
1	Andar3	1	Construir	1	Explicar	1	Mesquinho	1	Pugilista	1	Sergipe
1	Andar5	1	Contar1	1	Explodir	1	Mestrado	1	Pulseira	1	Série
1	Angustiar	1	Contar3	1	Expor2	1	Metralhadora	1	Pus	1	Serviço Social
1	Ano	1	Contratar2	1	Expulsar	1	Microfone	1	Puxa Saco	1	Shopping
1	Ano novo1	1	Correr1	1	Fábrica	1	Mijar	1	Puxar	1	Signo
1	Ano Passado	1	Correr2	1	Facada	1	Moer	1	Quarto2	1	Sim
1	Ano que vem 1	1	Cotovelada	1	Falir 2	1	Moído	1	Quarto3	1	Simpósio
1	Ano que vem 2	1	Cravar	1	Farmácia	1	Molhado	1	Quarto4	1	Social
1	Anos	1	Cura	1	Faturar	1	Molhar	1	Quebrado	1	Sogro
1	Ansiedade	1	Curar	1	Faxineiro	1	Morder	1	Quebrar1	1	Solteiro
1	Ansioso	1	Danificar	1	Fechado1	1	Mostarda	1	Quebrar2	1	Sonho2
1	Anual	1	Decepcionado1	1	Ferro Elétrico	1	Moto	1	Quebrar3	1	Sorvete
1	Anus2	1	Decepcionar	1	Fincar	1	Motocicleta	1	Quebrar4	1	Sovina
1	Apagado	1	Defender2	1	Firme1	1	Motorista	1	Raiva	1	Suco
1	Apagar Luz	1	Defesa	1	Foca	1	Multiplicar	1	Raiz	1	Sul
1	Apagar Vela	1	Definhar	1	Força	1	Município	1	Rancor	1	Supermercado
1	Apoiar 2	1	Depositar	1	Fortalecer	1	Murchar	1	Rápido2	1	Surrar
1	Armário	1	Depressão	1	Forte1	1	Murro	1	Raptar	1	Tabela2

1	Arrastar	1	Deprimido	1	Forte2	1	Músculo	1	Rapto	1	Tabelião
1	Assassinar	1	Desentupidor	1	Fraturar	1	Nota	1	Raquete	1	Taco1
1	Assistente Social	1	Desentupir	1	Frescobol	1	Número	1	Raro	1	Tamanduá
1	Audição1	1	Desgosto	1	Futivôlei	1	Obra	1	Rascunho	1	Taquicardia
1	Autenticar	1	Desodorante	1	Galopar	1	Odiar	1	Rasgar2	1	Tempo1
1	Automóvel	1	Despertar	1	Gargalhar2	1	Oeste1	1	Reagir	1	Tênis1
1	Avarento	1	Destruir1	1	Ginástica	1	Oitava-Série	1	Rebelde	1	Tesoura1
1	Avô/Avó1	1	Detergente	1	Golpear	1	Oitavo	1	Receber	1	Testemunhar
1	Bagagem	1	Detonar	1	Granada	1	Oitenta	1	Recolher	1	Tetracampeão
1	Bajular	1	Dia2	1	Grande1	1	Oito	1	Recuperação1	1	Toalha de Banho
1	Balanço1	1	Diploma	1	Guidon	1	Página1	1	Recuperar	1	Topar1
1	Balão1	1	Dirigir	1	Idoso	1	Pai2	1	Reforço	1	Torcer1
1	Balde	1	Dispensar	1	Imenso	1	Paixão	1	Reforma1	1	Torcer2
1	Baleia	1	Distender	1	Impossível	1	Palpitar1	1	Reformar	1	Torcer3
1	Bambu	1	Distensão	1	Insônia	1	Pão-duro	1	Registro	1	Torcicolo
1	Banir	1	Edificar	1	Inverno	1	Paquerar1	1	Remar	1	Torniquete
1	Bastão	1	Editar	1	Janela	1	Parar1	1	Remédio	1	Total
1	Batida1	1	Educação Física	1	Jet Ski	1	Parar4	1	Repórter	1	Totó
1	Batida2	1	Eliminar	1	Jogar Fora	1	Passaporte	1	Reserva	1	Transbordar
1	Beisebol	1	Embaixada1	1	Jornalista	1	Passar Roupa	1	Reservado	1	Trânsito
1	Bem-feito1	1	Embaixada2	1	Judô	1	Pata	1	Reservar2	1	Tremer1
1	Bengala	1	Emoção	1	Lactação	1	Patrimônio	1	Respirar	1	Trevas
1	Bicampeão	1	Encardido	1	Lançar	1	Patrulha	1	Ressentimento	1	Trombeta
1	Bicicleta	1	Enceradeira	1	Lapidar	1	Pavor	1	Restaurar	1	Trotar
1	Biênio	1	Encher2	1	Lápide	1	Pebolim	1	Retroprojeter	1	Tuberculose
1	Bloquear	1	Encher3	1	Laranja	1	Pedreiro	1	Revolta	1	Unha-de-fome
1	Bóia2	1	Encobrir	1	Largar2	1	Pegar1	1	Revoltado	1	Valise
1	Bolsa de Estudos	1	Enferrujar	1	Laticínio	1	Pegar2	1	Rigoroso	1	Vandalismo
1	Bomba1	1	Enganar1	1	Legume	1	Pegar3	1	Rodízio	1	Vândalo
1	Bomba2	1	Engordar	1	Leite	1	Peido	1	Rolimã	1	Varrer
1	Boxe	1	Enorme	1	Leite de Coco	1	Pelado	1	Rolo2	1	Vassoura
1	Brinde	1	Ensanguentado	1	Lésbica	1	Pensão1	1	Romântico	1	Velho1
1	Brotar	1	Ensolarado	1	Leste	1	Pensionato	1	Romper	1	Velho2
1	Buscar	1	Entrevistar	1	Levar2	1	Pensionista	1	Roncar	1	Velocípede
1	Cãimbra	1	Envelhecer	1	Lilás	1	Pesado	1	Ruga	1	Veterano
1	Cajado	1	Esclarecer	1	Limusine	1	Pêssego	1	Ruivo	1	Vigoroso
1	Calúnia	1	Esconde-esconde	1	Localizar	1	Peteca	1	S	1	Volante
1	Canhão	1	Esconder	1	Locomover	1	Pilar	1	Sábado	1	Vovó-Vovô1
1	Cantor	1	Escravizar1	1	Luxar	1	Pintar1	1	Sacanear	0	

73		73		73		73		73		72	
437											

7.2 APÊNDICE B - Sinais ambíguos coletados no grupo 2 do dicionário da Língua Brasileira de Sinais do INES

Nº	Posição	Termo	Nº	Posição	Termo
1	1.1	Abraço	14	6.2	Curar
2	1.2	Abraçar	15	7.1	Entrevistar
3	2.1	Construção	16	7.2	Repórter
4	2.2	Pedreiro	17	8.1	Ferro elétrico
5	2.3	Reforma1	18	8.2	Passar Roupa
6	3.1	Anual	19	9.1	Quebrar1
7	3.2	Ano	20	9.2	Quebrar4
8	4.1	Carro	21	9.3	Quebrado
9	4.2	Dirigir	22	10.1	Reagir
10	4.3	Volante	23	10.2	Esforçar
11	5.1	Idoso	24	10.3	Reforço
12	5.2	Velho2	25	11.1	Varrer
13	6.1	Cura	26	11.1	Vassoura

7.3 APÊNDICE C - As classes gramaticais, os assuntos e as acepções dos vinte e seis sinais coletados.

Nº	Termo	Classe Gramatical	Assunto	Acepção 1	Acepção 2	Acepção 3
1.1	Abraço	Substantivo	Nenhum	Situação em que duas pessoas se abraçam	Demonstração de afeto	NÃO CONSTA
1.1	Abraçar	Verbo	Nenhum	Envolver uma pessoa com os braços, aproximando-se dela	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
2.1	Construção	Substantivo	Nenhum	Andamento de uma obra, até que esteja terminada.	NÃO CONSTA.	NÃO CONSTA
2.2	Pedreiro	Substantivo	Profissão/trabalho	Indivíduo que executa trabalhos em alvenaria, com tijolo e pedra, e de revestimento, como a colocação de ladrilhos, entre outros.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
2.3	Reforma ¹	Substantivo	Nenhum	Mudança ou modificação no interior e no exterior de uma casa, envolvendo obras, consertos e reparos.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
3.1	Anual	Adjetivo	Ano Sideral	O que se realiza uma vez por ano	O que dura ou é válido por um ano	NÃO CONSTA
3.2	Ano	Substantivo	Ano Sideral	Cada período de doze meses, compreendido entre 01 de janeiro e 31 de dezembro.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
4.1	Carro	Substantivo	Transporte/Veículo	Veículo automóvel destinado ao transporte de pessoas ou de carga.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
4.2	Dirigir	Verbo	Nenhum	Operar o comando de um veículo	Guiar;	Conduzir.
4.3	Volante	Substantivo	Transporte/Veículo	Roda que comanda a direção de veículos automotores, instalada na cabine, à esquerda do painel.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
5.1	Idoso	Adjetivo	Nenhum	Aquele que tem muitos anos de vida;	Aquele que tem muitos anos de vida;	NÃO CONSTA
5.2	Velho ²	Adjetivo	Nenhum	Bastante usado;	Gasto;	Desgastado.
6.1	Cura	Substantivo	Higiene/Saúde	Eliminação ou superação de uma doença, depois de um tratamento.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
6.2	Curar	Verbo	Nenhum	Restabelecer a saúde de alguém	Reparar ou debelar uma doença, ferida, lesão	NÃO CONSTA
7.1	Entrevistar	Verbo	Nenhum	Fazer entrevista;	Ter uma entrevista.	NÃO CONSTA
7.2	Reporter	Substantivo	Profissão/trabalho	Profissional da comunicação, que acompanha e noticia os acontecimentos em jornal, rádio ou TV.	Meu irmão trabalha como repórter.	NÃO CONSTA
8.1	Ferro elétrico	Substantivo	Aparelho/Máquina	Utensílio próprio para passar roupa, que depende de ligação à corrente elétrica.	Comprei, ontem, um novo ferro elétrico.	NÃO CONSTA
8.2	Passar Roupa	Verbo	Nenhum	Alisar a roupa com o ferro quente.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA

9.1	Quebrar1	Verbo	Nenhum	Reduzir a pedaços;	Danificar.	NÃO CONSTA
9.2	Quebrar4	Verbo	Nenhum	Falir	Ir à falência.	Falir
9.3	Quebrado	Adjetivo	Nenhum	Cansado;	Exausto;	maltratado.
10.1	Reagir	Verbo	Nenhum	Exercer reação;	Apresentar comportamento ou idéia contrária.	NÃO CONSTA
10.2	Esforçar	Verbo	Nenhum	Fazer esforços;	Tentar com mais vigor.	NÃO CONSTA
10.3	Reforço	Substantivo	Nenhum	Apoio pedagógico, para a revisão de lições não aprendidas.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
11.1	Varrer	Verbo	Nenhum	Usar a vassoura para retirar a sujeira do chão.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
11.2	Vassoura	Substantivo	Higiene/Saúde	Utensílio feito de pêlos, palha, ramos de piaçaba ou outros materiais, usada para varrer o chão.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA

7.4 APÊNDICE D - Sinais com os exemplos de frases em LP e em Libras

Nº	Termo	Exemplo em Língua Portuguesa	Exemplo em Libras	
1	1.1	Abraço	Diga a sua esposa que mandei um abraço	FALAR ABRAÇO ESPOS@ SE@.
2	1.2	Abraçar	Ela abraçou o seu filho.	EL@ ABRAÇAR FILH@ DEL@.
3	2.1	Construção	A construção da casa de meu tio demorou muito.	TI@ CASA CONSTRUÇÃO DEMORAR muito.
4	2.2	Pedreiro	Estou precisando de um pedreiro para fazer obras em minha casa.	EU PRECISAR PROCURAR PROFISSIONAL HOMEM^OBRA.
5	2.3	Reforma1	Minha casa precisa de uma reforma.	Minha casa precisa de uma reforma.
6	3.1	Anual	O Festival da Associação do Chope é sempre anual.	ASSOCIAÇÃO C-H-O-P-E FESTIVAL SEMPRE ANUAL.
7	3.2	Ano	O ano tem 12 meses.	ANO TER 12 MÊS.
8	4.1	Carro	Meu primo comprou um carro novo.	PRIMO ME@ CARRO NOV@ COMPRAR ANO-PASSADO.
9	4.2	Dirigir	Dirigir um carro é fácil; você não consegue?	DIRIGIR-CARRO FÁCIL VOCÊ CONSEGUIR NÃO?
10	4.3	Volante	O volante do meu carro está com defeito.	VOLANTE ME@ DEFEITO
11	5.1	Idoso	O ônibus liberou os idosos para entrarem de graça.	ÔNIBUS LIBERAR IDOS@ GRATUIT@ ENTRAR.
12	5.2	Velho2	Tenho um carro velho ano 82, quero comprar um zero quilômetro.	EU TER CARRO VELH@ A-N-O 82 EU QUERER COMPRAR O-KM.
13	6.1	Cura	O médico disse que a cura do câncer é difícil.	MÉDIC@ DIZER CÂNCER CURA DIFÍCIL.
14	6.2	Curar	O homem doente tomou comprimidos e ficou curado.	HOMEM DOENTE TOMAR-COMPRIMIDO AGORA CURAR.
15	7.1	Entrevistar	Amanhã preciso entrevistar o Zico.	AMANHÃ EU PRECISAR ENTREVISTAR Z-I-C-O.
16	7.2	Reporter	Meu irmão trabalha como repórter.	IRM@ ME@ TRABALHAR REPÓRTER.
17	8.1	Ferro elétrico	Comprei, ontem, um novo ferro elétrico.	ONTEM EU COMPRAR FERRO-ELÉTRIC@ NOV@.
18	8.2	Passar Roupas	Hoje a empregada tem pouca roupa para passar.	HOJE EMPREGADA PASSAR-FERRO ROUPA POUCA@.
19	9.1	Quebrar1	Hoje a minha empregada quebrou a vassoura e eu tive de comprar outra.	HOJE ME@ EMPREGAD@ VASSOURA QUEBRAR EU COMPRAR OUTR@.
20	9.2	Quebrar4	Há anos ele tinha a sua própria loja, mas agora ela acabou, quebrou!	EL@ L-O-J-A PRÓPRI@ ANO muito AGORA ACABAR JÁ QUEBRAR!
21	9.3	Quebrado	Ele está todo quebrado, trabalhou muito hoje!	EL@ CORPO-TOD@ QUEBRAD@ HOJE TRABALHAR muito!
22	10.1	Reagir	Estou com depressão, preciso reagir.	EU DEPRESSÃO PRECISAR REAGIR.
23	10.2	Esforçar	Ela precisa se esforçar e estudar para a prova do vestibular.	VESTIBULAR PROVA VOCE PRECISAR ESTUDAR ESFORÇAR.
24	10.3	Reforço	Ele não passou neste ano e fará reforço.	EST@ ANO EL@ PASSAR NÃO ESTUDAR REFORÇO.
25	11.1	Varrer	Não quero varrer meu quarto.	EU NÃO-QUERER VARRER QUARTO.
26	11.2	Vassoura	A vassoura está ruim, preciso comprar outra nova.	VASSOURA RUIM PRECISAR COMPRAR OUTR@ NOV@.

7.5 APÊNDICE E - Tabela de QR code

Nº		Termo	Sinal	QR CODE
1	1.1	Abraço	https://youtu.be/mXlr0ofFeZQ	
2	1.1	Abraçar	https://youtu.be/ggLntT0abf4	
3	2.1	Construção	https://youtu.be/_gY4xH3G-dk	
4	2.2	Pedreiro	https://youtu.be/5U_i6_lhcC4	
5	2.3	Reforma1	https://youtu.be/ObRvKQW0-xg	
6	3.1	Anual	https://youtu.be/kDXAm_skhS4	
7	3.2	Ano	https://youtu.be/DCeXxCzikR8	
8	4.1	Carro	https://youtu.be/GutNIAS5y00	
9	4.2	Dirigir	https://youtu.be/gzFJEg_13IE	
10	4.3	Volante	https://youtu.be/-4LVvZyAIw0	

11	5.1	Idoso	https://youtu.be/OOreCOTn4NM	
12	5.2	Velho2	https://youtu.be/E7jnMTBCHAM	
13	6.1	Cura	https://youtu.be/mGYdZ0LNv9E	
14	6.2	Curar	https://youtu.be/LOD-Adqx6rQ	
15	7.1	Entrevistar	https://www.youtube.com/watch?v=ReOzi59IYQM	
16	7.2	Repórter	https://youtu.be/3sCNvhH_ZOk	
17	8.1	Ferro elétrico	https://youtu.be/KZtMKHoZLhw	
18	8.2	Passar Roupa	https://youtu.be/HKDu29_1mpA	
19	9.1	Quebrar1	https://youtu.be/T96rtxXkjqc	
20	9.2	Quebrar4	https://youtu.be/Wm0ygtFCE34	
21	9.3	Quebrado	https://youtu.be/DK204UCQRWw	

22	10.1	Reagir	https://youtu.be/omivymnmyMY	
23	10.2	Esforçar	https://youtu.be/EUy2ljl_a_sk	
24	10.3	Reforço	https://youtu.be/UpkMa44WCeg	
25	11.1	Varrer	https://youtu.be/TFLacdgXnmY	
26	11.2	Vassoura	https://youtu.be/sNFQaizzLIU	

7.6 APÊNDICE F - Termos ambíguos selecionados

Nº	Termo	Classe Gramatical	Assunto	Acepção 1	Acepção 2	Acepção 3
Polissêmicos						
1.1	Abraço	Substantivo	Nenhum	Situação em que duas pessoas se abraçam	Demonstração de afeto	NÃO CONSTA
1.1	Abraçar	Verbo	Nenhum	Envolver uma pessoa com os braços, aproximando-se dela	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
2.1	Construção	Substantivo	Nenhum	Andamento de uma obra, até que esteja terminada.		NÃO CONSTA
2.2	Pedreiro	Substantivo	Profissão/trabalho	Indivíduo que executa trabalhos em alvenaria, com tijolo e pedra, e de revestimento, como a colocação de ladrilhos, entre outros.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA
Homônimos						
9.2	Quebrar ⁴	Verbo	Nenhum	Falir	Ir à falência.	Falir
9.3	Quebrado	Adjetivo	Nenhum	Cansado;	exausto;	maltratado.
10.2	Reagir	Verbo	Nenhum	Exercer reação;	Apresentar comportamento ou idéia contrária.	NÃO CONSTA
10.3	Reforço	Substantivo	Nenhum	Apoio pedagógico, para a revisão de lições não aprendidas.	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA

7.7 APÊNDICE G - Frases sinalizadas após a análise sêmica dos sinais ambíguos

Nº	Termo	Contexto de uso LP	GLOSA
Polissêmicos			
1.1	Abraço	Ok! Tchau! Um Abraço para você	Ok! Tchau! Abraço você.
1.1	Abraçar	Eu gosto de abraçar.	Eu gostar abraçar
2.1	Construção	A construção da minha casa será no ano de 2019	Ano 2019, construir casa minha.
2.2	Pedreiro	Meu primo é pedreiro.	Meu primo pessoa construção.
Homônimos			
9.2	Quebrar ⁴	A empresa de frango faliu.	Empresa própria frango faliu.
9.3	Quebrado	Eu estou quebrada/exausta ontem trabalhei muito.	Ontem eu trabalhar muito, eu quebrada/exausta.
10.2	Reagir	Monólogo: - Eu triste, reagir preciso.	Monólogo: - Eu triste, reagir precisar.
10.3	Reforço	A minha filha reprovou em matemática, ela vai precisar de reforço.	Filha minha reprovar disciplina matemática, precisa reforço.